

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO**

**IDENTIDADE INDIVIDUAL E COLETIVA:
PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES
NA SUA PARTICIPAÇÃO EM UM CLUBE DE MÃES
NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL**

Edí Fassini

Lajeado, abril de 2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

**IDENTIDADE INDIVIDUAL E COLETIVA:
PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES
NA SUA PARTICIPAÇÃO EM UM CLUBE DE MÃES
NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL**

Edí Fassini

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, Centro Universitário UNIVATES, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ambiente e Desenvolvimento.

Orientadora: Profª Drª Neli Galarce Machado

Co-Orientador: Prof. Dr. Glauco Schultz

Lajeado, abril de 2010

Edí Fassini

**IDENTIDADE INDIVIDUAL E COLETIVA:
PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES
NA SUA PARTICIPAÇÃO EM UM CLUBE DE MÃES
NO INTERIOR DO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, Centro Universitário UNIVATES, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ambiente e Desenvolvimento.

Orientadora: Prof^a Dr^a Neli Galarce Machado

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Glauco Schultz (co-Orientador)
Centro Universitário Univates

Prof. Dr. Luís Fernando da Silva Laroque
Centro Universitário Univates

Prof. Dr. Vitor Biasoli
Universidade Federal de Santa Maria

Lajeado, abril de 2010

**Dedico este trabalho à minha mãe,
Selma Michels Fassini (*in memoriam*),
cuja trajetória é fonte constante de
encorajamento e de luz.**

AGRADECIMENTOS

Obrigada a todos que me oportunizam vivências ricas no grupo de amigos, nos ambientes de trabalho e estudo, na vida cotidiana em comunidade, especialmente obrigada às mulheres integrantes do *Blumenstrauss* pelo acolhimento e por me fazerem sentir integrante do grupo.

Obrigada à minha filha Talita, genro Leandro e ao meu neto Leonardo. Sou grata pela cor, pelo sabor, pelo tempero que dão à minha vida.

Obrigada aos meus familiares, pai e irmãos, que mesmo não entendendo as razões de meu recolhimento para estudar, aceitam minhas ausências em alguns momentos de confraternização.

Obrigada à minha orientadora Neli pela compreensão e generosidade comigo, e, principalmente, obrigada pela confiança em mim e na aposta de um resultado satisfatório, sem imposição na forma trabalhar.

Obrigada ao meu co-orientador Glauco, pelas importantes sugestões e pela disposição em contribuir com sua experiência e pressupostos de pesquisa.

Obrigada professores e colegas do PPGAD. O convívio nessa diversidade de formação, experiências e saberes foi instigante, inspirador e rico em contribuições para a minha vida.

RESUMO

A presente pesquisa enfocou as percepções e representações de um grupo de mulheres de uma rede social chamada clube de mães, localizada no município de Imigrante, Rio Grande do Sul, acerca de sua participação no grupo. A investigação foi realizada a partir de uma perspectiva etnográfica, onde a pesquisadora conviveu com o grupo na suas experiências coletivas, participando de reuniões e eventos juntamente com os sujeitos investigados. Foram realizadas entrevistas com todas as integrantes do grupo e em suas residências, visando a mais apreensões do pesquisador acerca da vida dos pesquisados (onde moram, como e com quem vivem, no quê trabalham). As entrevistas partiram de questões abertas, visando ao não direcionamento das respostas e demandaram constante interação dos envolvidos. Dada a complexidade que envolve temática tão subjetiva, o trabalho apresenta um arcabouço teórico acerca da conceituação de identidade, cultura e pertencimento, como ancoragem para a análise do conteúdo colhido na pesquisa. O texto apresenta o que Geertz chama de descrição densa, envolvendo situações cotidianas, cujos sentidos são apreendidos pelo pesquisador que as narra e interpreta a partir de sua experiência e do contexto local-cultural dos investigados. Construção identitária pessoal e de grupo, através do resgate da arte e da cultura, da educação alternativa, da autoestima e da competência para a cidadania são aspectos revelados pela pesquisa e possibilitados pela organização e convivência do grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Percepções. Representações. Cultura. Pertencimento. Etnografia.

ABSTRACT

This research focused on the perceptions and representations of a group of women from a social lace called mother's club, located in Imigrante, Rio Grande do Sul, regarding their participation in the group. The study was conducted from an ethnographic perspective, where the researcher lived with the group on their collective experiences, attending meetings and events together with the subjects investigated. We interviewed all members of the group and in their homes, aimed at seizing the researcher about the life of the children (where they live, how and with whom they live, what work). The interviews started from open questions, not seeking the direction of responses and demanded constant interaction of those involved. Given the complexity involved in such subjective topic, the paper presents a theoretical framework about the concept of identity, culture and belonging, as anchor for the analysis of the content collected in the survey. The text presents what Geertz calls thick description, involving everyday situations whose meanings are perceived by the researcher who narrates and interprets from his experience and local context-cultural investigation. Building personal and group identity, through the revival of art and culture, alternative education, the self-esteem and competence for citizenship aspects are revealed by the survey and made possible by the organization and coexistence of the group.

KEYWORDS: Identity. Perceptions. Representations. Culture. Belonging. Ethnography.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EPI	Equipamento de Proteção Individual
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PPGAD	Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento
RS	Rio Grande do Sul
SMECDT	Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Desporto e Turismo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Apresentação do Trabalho	13
1.2 Objetivos da Pesquisa	14
2 REVISÃO DA LITERATURA	15
2.1 Conceituando o Termo Identidade	15
2.2 Herança Cultural: sinais identitários e pertencimento	20
2.3 Linguagem e Identidade: humanidade pressupõe linguagem	22
3 MÉTODO DE PESQUISA	25
4 CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO TERRITÓRIO	30
4.1 A rede social Clube de Mães	32
4.2 BLUMENSTRAUSS – Diversidade em Convivência no Grupo de Mulheres	34
4.2.1 Historiando o <i>Blumenstrauss</i>	34
4.2.2 Diversidade de Discussões e Aprendizados	37
4.2.3 Trajetórias e Historicidade das Mulheres do <i>Blumenstrauss</i>	39
4.2.3.1 Mãe sofrida – vovó renovada e habilidosa	41
4.2.3.2 “Que mal tem em dançar?”	43
4.2.3.3 “Bonito é conhecer outra gente”	45
4.2.3.4 “O importante é o que aprendemos com a coordenadora”	46
4.2.3.5 “Elas não aceitam o que eu quero fazer”	48

4.2.3.6 Uma presidente muito reticente	51
4.2.3.7 Leituras e conversas sobre a vida	53
4.2.3.8 “Faz bem ter outras conversas”	55
4.2.3.9 “Gosto de gente alegre, porque a gente esquece os problemas”	58
4.2.3.10 “Vivendo e aprendendo”	60
4.2.3.11 “Eu tento me colocar no lugar delas”	61

5 COMPLEXA CONSTRUÇÃO ETNOGRÁFICA: Apreensões e interpretações do ouvido, visto, percebido e também vivido por mim no <i>Blumenstrauss</i>	65
5.1 Laços étnicos e ritos religiosos cultivados na convivência	66
5.2 Trabalho: valor comum fundamental	67
5.3 Novas aprendizagens e conversações: construções identitárias em processo	69
5.4 Conflitos: dificuldades na convivência e oportunidades de avanços	72
5.5 Pertencimento: laços herdados e construídos fazem diferença	74
6 CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS	82
ANEXOS	88

1 INTRODUÇÃO

Integrando o Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário Univates, de Lajeado, Rio Grande do Sul, defrontei-me com inúmeras leituras e estudos acerca de áreas do conhecimento das quais minha bagagem de saberes, até o início do Mestrado, era basicamente fruto de vivências, já que meu foco de estudos na graduação e especialização *lato sensu* fora Letras – abrangendo línguas e literatura.

O PPGAD tem proposta interdisciplinar abrangente. Considere-se inicialmente a amplitude de significação dos termos “ambiente” e “desenvolvimento”. Seu grupo docente é composto de doutores em múltiplas áreas e os discentes são egressos igualmente de diferentes graduações. Essa diversidade gera discussões e estudos interessantes e desafiadores: um verdadeiro caldeirão que reúne convicções, linguagens, posturas, experiências, leituras, dúvidas e inúmeros conflitos.

Inserida na linha de pesquisa “espaço e problemas socioambientais”¹ vi-me diante um leque de possibilidades de pesquisas, a partir do entendimento da necessária relação de significado da expressão “ambiente e desenvolvimento” com

¹ Espaço e Problemas Socioambientais: Abrange pesquisas em que as interações entre sociedade e natureza são investigadas nas suas complexidades. Privilegia investigações sobre o histórico das ocupações rural e urbana e suas implicações ambientais. Estuda a formação de redes e do capital social, modos de governança, padrões e práticas de desenvolvimento, políticas ambientais, de saúde, de segurança alimentar e de bem-estar social. Analisa as inter-relações entre sustentabilidade, práticas culturais, consumo e cidadania nos âmbitos local e global. Estuda o desenvolvimento humano e a inclusão social. Investiga condicionantes socioculturais da inovação tecnológica bem como os contextos comunicacionais envolvidos na percepção e uso da tecnologia. (Regimento do PPGAD, disponível em <http://www.univates.br>)

perspectiva sustentável². Compreender o significado do termo “espaço” para além do ambiente físico, adentrando ao social e à vida em sociedade, representou uma possibilidade interessante para investigação. E aliado a esse significado, durante esse período de escuta de falas tão diversas (professores e colegas do PPGAD) e de leituras instigantes e motivadoras à reflexão, marcou-me um alerta de Sachs (2000), que desenvolvimento não é sinônimo de crescimento econômico, mas que a este devem ser associados objetivos sociais que o tornam eficiente, como princípios éticos e solidariedade, além de prudência no uso dos recursos naturais.

E apesar de tantas situações envolvendo meu cotidiano na educação serem passíveis de importantes pesquisas, desafiei-me a sair do lugar-comum, extrapolar o espaço de convivência cotidiana e parti para uma quase aventura: conviver com um grupo de mulheres de uma rede social, intitulada “clube de mães”, no município de Imigrante, Rio Grande do Sul.

Razões envolvendo minha disponibilidade de tempo para o trabalho e a necessária compreensão de fatores culturais da vida dos investigados, foram definidores na opção de pesquisa: na minha aldeia, passei a desenvolver o olhar, a escuta, a observação, a reflexão acerca de sujeitos com pouca visibilidade, apesar da sua intensa atividade.

Conhecia alguns aspectos da organização dessas mulheres: reuniões mensais alternando local de encontro, geralmente nas residências das integrantes; uma diretoria responsável pela organização do grupo; a realização, aos sábados à tarde, de eventos chamados “chás dos clubes de mães”, cuja programação inclui confraternização gastronômica, dança e brincadeiras.

Minha participação, aliás, como convidada para dirigir atividades de integração em um desses eventos é que desencadeou o tema de pesquisa. Em primeiro lugar, pela impressionante mobilização que essas mulheres conseguem, reunindo grupos de diferentes municípios para uma programação simples e

² “Sustentável é o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas necessidades”, conforme documento da ONU Nosso Futuro Comum, 1987.

contagante pela animação. Em segundo lugar, a observação do comportamento de algumas mulheres nesse ambiente, sua liberdade de fala e de movimento, extroversão e autonomia, revelavam para mim uma contradição frente a seu comportamento em outros ambientes públicos, onde já as tinha visto quietas, restritas na fala e comedidas na forma de comportamento.

Quais seriam suas motivações para participarem dessa rede social? Qual a importância do grupo em suas vidas? Quais as atividades do “clube de mães”? Por que comportamentos tão diferentes em ambientes diversos? Qual a relação do “fazer parte do grupo” com a vida cotidiana dessas mulheres?

Essas foram algumas indagações que me desafiaram a buscar informações sobre os fazeres das mulheres e seus porquês no “clube de mães”. As falas desses sujeitos e observações decorrentes de momentos compartilhados, motivaram muitas leituras e reflexões que, associadas às minhas vivências, contribuíram para a formulação de inferências e interpretações apresentadas nesta dissertação.

Trabalhei inspirada por Sachs (2000) sobre a importância de identificar o conhecimento que as populações locais têm do seu meio, com vistas ao casamento do saber prático com o conhecimento científico, na construção de propostas de desenvolvimento social, ecológico e econômico, que poder-se-ia também adjetivar como sustentável. E muitas vezes, retomei Feynman (1999), que após importantes descobertas, na sua primeira experiência de pesquisa escolar observando um pássaro, disse ter aprendido que ciência é paciência. O cientista, munido de muita paciência, desvenda mistérios complexos observando, escutando, fazendo a conexão entre os acontecimentos.

A leitura de trabalhos etnográficos (Plastino, 2006; Fino, 2007 e Ahlert, 2008) me deixou convicta que esse percurso metodológico me oportunizaria interessantes descobertas: uma pesquisa em que eu reuni dados com a preocupação de compreender a vida dos sujeitos investigados; um mergulho na complexidade do cotidiano dessas mulheres, suas angústias e alegrias, seus projetos e realizações, em parte revelados em entrevistas biográficas, em parte construídas por interpretações minhas desse período de convivência.

1.1 Apresentação do Trabalho

A presente construção está estruturada em 6 capítulos. No primeiro, reúno informações que permitem o entendimento das razões da pesquisa, como o problema se apresentou e o que busquei compreender.

O segundo capítulo consta da abordagem conceitual que ancora o trabalho, onde apresento contribuições de diversos autores acerca da temática de fundo: identidade, o que é e como se constrói. Surge daí a necessária discussão acerca das questões culturais e da linguagem como elementos característicos e emblemáticos do ser humano.

O terceiro capítulo descreve o método de pesquisa, onde defendo, também a partir do aporte de experiências de renomados pesquisadores, o caminho escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa: a etnografia.

Anotações decorrentes de observações dos sujeitos investigados, de informações colhidas durante entrevistas, de dados pesquisados em registros de atas de reuniões do grupo, encontros e vivências minhas na comunidade dos participantes desse grupo constam no quarto capítulo. É a reunião de dados que situam o território e caracterizam os sujeitos investigados; uma descrição de minhas apreensões acerca dos sujeitos como indivíduos e como integrantes do grupo.

Inferências e interpretações acerca desse todo, reunido a partir dessa incursão etnográfica na vida do grupo, são apresentadas no quinto capítulo. A análise do conteúdo foi organizada em subitens, a partir da ênfase com que as questões foram apreendidas.

No sexto capítulo, apresento as conclusões a partir de muita reflexão acerca das informações colhidas e da construção pessoal acontecida no decorrer deste estudo.

1.2 Objetivos da Pesquisa

Esta pesquisa teve como foco descobrir o leque de significados que a participação no clube de mães representa para a vida das suas integrantes. Busquei, neste sentido:

- Identificar as motivações das mulheres integrantes da organização intitulada “Clube de Mães” para sua participação nessa rede social³, buscando conhecer suas ações em grupo.

- Aprender as representações da identidade subjetiva dessas mulheres como integrantes ativas de grupo social e suas percepções sobre identidade coletiva.

- Investigar a percepção desses sujeitos acerca da importância de sua ação dentro do grupo e de sua relação com sua vida cotidiana na família e comunidade.

- Identificar comportamentos comuns dessas mulheres na relação com o ambiente (utilização dos recursos naturais, ocupação territorial, destinação de resíduos, etc), demonstrados no seu discurso e nas suas práticas.

³ Para este trabalho, adoto a definição genérica para a expressão **Rede Social**: uma das formas de representação dos relacionamentos afetivos ou profissionais dos seres entre si ou entre seus agrupamentos de interesses mútuos. A rede é responsável pelo compartilhamento de idéias entre pessoas que possuem interesses e objetivo em comum e também valores a serem compartilhados.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A complexidade e a amplitude da temática abordada neste trabalho exigiram, inicialmente, o estabelecimento de referências teóricas sobre as quais essa construção se realizou. Identidade, cultura e pertencimento são conceitos, cujas significações são elencadas a partir de vários autores, as quais nortearam minhas buscas e também orientaram a construção de entendimentos.

2.1 Conceituando o Termo Identidade

O termo é utilizado em diferentes estudos e por diferentes áreas do conhecimento, às vezes acompanhado de um adjetivo como: individual, coletiva, social, ambiental, contemporânea, entre outros. Mas, afinal, o que é identidade?

O próprio conceito com o qual estamos lidando, “identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto a prova (Hall, 2004, p.8).

Santos (2000) evoca o conceito de identidade na Psicologia Clínica: consciência de si como individualidade, singularidade, dotada de uma certa constância e de uma certa unicidade. Em seu estudo, a autora discorre acerca das representações na construção do sujeito, ou, poderíamos dizer, na construção da identidade individual da pessoa.

Para compreender como se constrói o que Hall chama de o “sentido de si”, e que Santos refere como “consciência de si como individualidade”, é imprescindível que exploremos inicialmente o significado de representação social.

Santos (2000) concebe que representações sociais são entendimentos, conteúdos mentalmente estruturados sobre fenômenos sociais, conscientemente compartilhados com outros membros do grupo social. Desta forma, as representações sociais estão em contínuo processo de (re)construção.

A idéia também é defendida por Jodelet (2001), a qual enfatiza que o homem, como ser social, precisa ajustar-se ao mundo em que vive, sobretudo para adequar-se a ele, no que se refere a comportamento e sobrevivência. Através das representações sociais, nos instrumentalizamos para o convívio em sociedade, onde compartilhamos um mundo povoado por pessoas, objetos, acontecimentos. Essa complexidade de formas e significados nem sempre convergentes, aliás, muitas vezes conflituosos, exige de nós algumas construções coletivas, visando a nossa própria sobrevivência.

Lima (2006) explica as representações sociais do sujeito como conseqüências das experiências por ele acumuladas em seu processo histórico. A autora aponta a representação social como fenômeno fundamentado na vida mental e social do indivíduo. Em sua vida social, o sujeito elabora conhecimentos e socializa-se. Ou seja, os valores e as idéias circulantes na sociedade vão sendo construídos constantemente, influenciando, assim, a identidade social dos grupos.

As representações sociais construídas são muitas vezes compartilhadas e seus produtos imergem nas práticas diárias de diferentes grupos, gerando sentido à realidade e orientando condutas. Esse processo resulta em identidades sociais, ou identidades compartilhadas.

Lima (2006) evoca os conceitos formadores de representações apontados por Moscovici (2004) e explica que elas se formam em nossa mente a partir de processos mentais e sociais. Esses processos são: a objetivação e a ancoragem.

Por meio da objetivação, a dimensão mais cognitiva da representação, o indivíduo transforma um conceito abstrato em algo concreto, isto é, aquilo que é estranho, diferente, desconhecido torna-se familiar. A ancoragem, dimensão predominantemente social da representação, caracteriza-se pela inserção deste objeto numa rede de pensamentos pré-existentes, na medida que este sujeito o compara com categorias conhecidas anteriormente. Este processo faz com que o objeto novo seja reajustado e enquadrado na categoria existente (Lima, 2006, p.17).

Villasante (2002) afirma que o homem é autor de sua própria história, mas não a constrói sozinho, a partir de circunstâncias escolhidas por si mesmo, mas sim, a partir do quê e onde está vivendo, com influências da tradição já vividas pelas gerações passadas. Pérez (2008) contribui com essa reflexão.

A ação humana por mais insignificante ou cotidiana que seja, sempre dá visibilidade à diferença, à marca de cada um (Arendt, 2005). Agir é também ressignificar aquilo que foi instituído, a partir de uma perspectiva própria, singular, sobre a realidade. [...] Num certo sentido, cada vida é um “caminho”, ou seja, os itinerários biográficos (e espaciais) denotam traçados concretos que correspondem às possibilidades de cada um para conquistar e expandir territórios existenciais a partir da convivência com os outros (Pérez, 2008, p.182).

Vivemos um mundo em constantes mudanças, onde as certezas e inseguranças dão sucessivamente lugar às incertezas e instabilidades, onde o sujeito torna-se cada vez mais fragmentado. As sociedades modernas estão sofrendo mudanças estruturais, muito profundas e abrangentes.

Hall, afirma que isso vem fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, nacionalidade, que no passado forneceram sólidas localizações como indivíduos sociais. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (Hall, 2004, p.13).

O ser humano, assim, consegue reunir diferentes características, conforme o contexto de espaço e tempo. E isso não apresenta uma conotação negativa ou de personalidade dúbia. A complexidade do mundo, da vida, das relações e contextos exige essa configuração de sujeito também versátil.

Segundo Villasante (2002), a construção de sujeitos e as suas identificações são construções muito provisórias e versáteis, fendidas por fraturas, como medos, culpas, frustrações... Dessa afirmação se pode depreender que a construção do conceito de si mesmo e do grupo é processo em constante movimento, onde se mesclam diferentes influências que interferem na formação do conceito individual de singularidade, e também esse processo individual influencia o entorno, a rede de relações em que esse sujeito está inserido.

O mesmo autor refere não ser possível encontrar uma identidade clara e definitiva para cada pessoa, grupo ou rede social, já que se mesclam constantemente muitas influências na vida das pessoas, produzidas por constantes mudanças e novidades no entorno social.

Nesse aspecto, Bauman (2001) defende a necessidade de pensar para compreender o mundo moderno em constantes mudanças e nele posicionar-se. Aborda a importância da sociologia e da tarefa dos sociólogos, tarefa, aliás, que compara com os poetas: ambos precisam se aproximar das possibilidades humanas ainda ocultas, perfurando as muralhas do óbvio e do evidente, indo além da moda e do trivial.

Segundo o autor, há a necessidade de combinar intimidade e distanciamento. Por que isso? Intimidade só tem quem conhece, está próximo, convive no espaço e tempo, pelo menos, esporadicamente. E momentos de distanciamento se tornam imprescindíveis para comparar, analisar, inclusive para perceber o entorno. Pensar exige um pouco de solidão, de isolamento; pensar exige, sim, proximidade e afastamento; o ato de pensar reúne as competências de nossos sentidos, combina emoções e razão.

E insiste, em suas reflexões, acerca da humanidade contemporânea afetada por tantas incertezas e medos.

O pensamento demanda pausa e descanso, “tomar seu tempo”, recapitular os passos já dados, examinar de perto o ponto já alcançado e a sabedoria (ou imprudência, se for o caso) de o ter alcançado. Pensar tira nossa mente da tarefa em curso, que requer sempre a corrida e a manutenção da velocidade (Bauman, 2004, p.239).

“Para operar no mundo (por contraste a ser “operado” por ele) é preciso entender como o mundo opera” (Bauman, 2001, p.242). E, precedendo a capacidade de decisão sobre o tipo de vida que o sujeito quer, ocorre um longo processo de autoformação e autoafirmação.

Villasante (2002, p.224) explica que a construção identitária costuma se estabelecer mediante o que chama “dilemas”: branco ou preto, bem ou mal, sim ou não. “Porém esse reducionismo das identidades não permite entender toda a

complexidade dos processos das identificações múltiplas e paradoxais que estão em jogo nas redes da vida cotidiana”.

A necessidade de constante reflexão sobre o vivido, como forma de buscar explicações para as experiências passadas e estabelecer significados para futuras vivências, que é onde o poder de escolha de cada um tem espaço, é apontado no trecho que segue.

A falta de significados garantidos – de verdades absolutas, de normas de conduta pré-ordenadas, de fronteiras pré-traçadas entre o certo e o errado, de regras de ação garantidas – é a *conditio sine qua non* de, ao mesmo tempo, uma sociedade verdadeiramente autônoma e indivíduos verdadeiramente livres; a sociedade autônoma e a liberdade de seus membros se condicionam mutuamente (Bauman, 2001, p.243).

Segundo o autor, o caminho para construir novos significados é o questionamento acerca do que está posto, o que não é tarefa fácil e tantas vezes estabelece estados de profundas incertezas e crises de identidade.

A chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 2004, p.7).

O que Hall chama de crise, parece ser um estado comum ao sujeito que pensa, analisa o cotidiano, busca respostas a sua forma de comportamento e a do grupo social em que está inserido. Villasante (2002) corrobora esse entendimento, reforçando que a identidade diz respeito a

[...] identificações em processo; por isso o mais interessante é saber como se conformam [...] As identidades não permanecem de uma vez por todas nem nos sujeitos, nem nos movimentos, mas vão mudando de acordo com as circunstâncias (Villasante, 2002, p.224).

E Capra (2006) assim se pronuncia:

[...] em geral, no nosso ambiente, não percebemos coisas nem eventos que não nos dizem respeito, e também sabemos que aquilo que percebemos é, em grande medida, condicionado pelo nosso arcabouço conceitual e pelo nosso contexto cultural (Capra, 2006, p.212).

2.2 Herança Cultural: sinais identitários e pertencimento

Os habitantes de um determinado território não têm necessariamente percepções e entendimentos comuns sobre as coisas e situações, nem tampouco projetos de vida parecidos, uns dos outros, pelo fato de serem vizinhos. A identidade coletiva é um processo de construção contínua que se edifica nas relações sociais, a partir da freqüência a locais comuns, onde ocorrem diálogos do cotidiano ou discussões sobre temas específicos; onde são expostas diferentes opiniões e construídos alguns posicionamentos que fazem as pessoas se aproximarem umas das outras.

Villasante, na sua análise sobre a complexidade do estudo de populações, refere a importância, além de questões socioeconômicas, da atenção às condições culturais e de *habitat*. E para isso, cita Marx:

Os homens fazem a sua própria história, porém não a fazem por seu livre-arbítrio, sob circunstâncias escolhidas por eles mesmos, mas sob aquelas circunstâncias com que se encontram diretamente, que existem e transmitem do passado (Villasante, 2002, p.29).

O autor enfatiza que qualquer mobilização de grupo sempre carrega algo mais do que o manifesto: “[...] não é só a atividade ou a reivindicação expressada, há estilos e culturas sociopolíticas em jogo” (Villasante, 2002, p.28).

As questões culturais interferem de forma importante no processo e construção identitária. Cucho (2002) afirma que a noção de cultura remete aos modos de vida e de pensamento, e se aplica unicamente ao que é humano, para quem nada é puramente natural. Até as necessidades fisiológicas básicas do homem têm respostas diferentes conforme o ambiente cultural em que está inserido; o que é permitido e comum num ambiente cultural, pode não ser aceito noutro.

Lembra o autor que a divisão de papéis e tarefas em uma sociedade é diferente da outra, e isso resulta fundamentalmente de questões culturais, por isso varia de uma sociedade para outra. Os comportamentos, atitudes e crenças de uma pessoa em determinada sociedade é naturalmente diferente noutra. Por isso, segundo ele, agir espontaneamente, quando alguém diz “seja natural”, na verdade

quer dizer: “aja de acordo com o modelo da cultura que lhe foi transmitido” (Cuche, 2002, p.11).

Compreender o processo de apreensão da cultura e até que ponto seu comportamento é determinado por ela é um desafio ainda atual. A compreensão do homem pressupõe o estudo de sua cultura, pois ele é essencialmente um ser de cultura.

Seja no campo político ou no religioso, na empresa ou em relação aos imigrantes, a cultura não se decreta, ela não pode ser manipulada como um instrumento vulgar, pois ela está relacionada a processos extremamente complexos e, na maior parte das vezes, inconscientes (Cuche, 2002, p.15).

A cultura não é algo dado, uma herança transmitida de forma imutável de geração para geração. Ela é uma produção histórica, uma construção que sofre as influências do contexto histórico das vivências e, principalmente, das relações que estabelecem nos grupos sociais que convivem.

Assim como a priori, é difícil o desenho de uma identidade individual específica e pronta, também nenhum grupo consegue fechar-se, sem sofrer influências de fora. Cuche afirma que o caráter flutuante e mutável se presta a diversas interpretações ou manipulações, é característico da identidade. E a cultura permite ao homem não só adaptar-se ao meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, a suas necessidades e a seus projetos.

Cada indivíduo integra, de maneira sintética, a pluralidade das referências identificatórias que estão ligadas a sua história. A identidade cultural remete a grupos culturais de referência cujos limites não são coincidentes. Cada indivíduo tem consciência de ter uma identidade de forma variável, de acordo com as dimensões do grupo ao qual ele faz referência em tal ou tal situação relacional (Cuche, 2002, p.195).

É no espaço público que a identidade humana se constrói. As características de cada pessoa se edificam e se afirmam na possibilidade de convívio, no confronto entre os semelhantes. Essa construção é responsabilidade do indivíduo e da coletividade, porque é pela cultura que nos tornamos únicos e diferentes, e também semelhantes como membros de uma sociedade.

Silveira, no seu estudo sobre uma comunidade rural, refere que a identidade cultural “[...] é marcada pela etnia, pela organização do espaço doméstico produtivo,

pelos laços comunitários e de vizinhança e ainda, pela religiosidade e tradição oral” (Silveira, 2001, p.97).

Aspectos relacionados à noção de pertencimento são apontados por Castro (2004, p.218) quando salienta a importância de o indivíduo sentir-se integrante do grupo. “Reconhecer-se que faz parte do lugar onde mora significa poder estar aí de maneira que o que faço conta para tornar aquele lugar o que ele é.”

Bandeira (1999, p.29), afirma que o sentimento de pertinência a uma comunidade surge como resultado de processos políticos, sociais e culturais, nos quais as pessoas se percebem com afinidades e interesses comuns, apesar das diferenças e divergências que possam ter. Castro (2004) e Pérez (2008) defendem que pertencimento diz respeito ao sentir-se parte do lugar, reconhecer-se como alguém que faz diferença para aquele lugar ser como é. E a partir desse sentimento as pessoas de fato se sentem cidadãs, cientes de direitos e obrigações.

Bourdieu (2007, p.67) também refere que “os lucros que o pertencimento a um grupo proporciona estão na base da solidariedade que os torna possível”. Para agir, é necessário sentir-se autorizado a fazê-lo; só o faz quem se percebe competente para tal, sentindo que sua participação é reconhecida no grupo.

A afirmação de um sujeito na sociedade acontece pelo sentimento de pertencimento a ela, de fazer parte integrante do coletivo, sentir-se agregado por elos culturais, ter o domínio da linguagem do grupo para compreender e fazer-se compreender, participar da construção e execução de projetos coletivos, ser agente de ações comunicativas que identificam o grupo.

2.3 Linguagem e Identidade: humanidade pressupõe linguagem

Habermas (2000), afirma que a linguagem abre o horizonte de sentidos, no interior do qual os sujeitos cognoscentes e agentes interpretam estados de coisas e assim realizam experiências, as quais são socializadas por processos comunicativos.

Capra também faz referência à importância da linguagem e avança na reflexão:

[...] um organismo vivo acopla-se estruturalmente não apenas a seu meio ambiente mas também a si mesmo, e, desse modo, cria não apenas um mundo exterior, mas um mundo interior. Nos seres humanos, a criação desse mundo interior está intimamente ligada com a linguagem, com o pensamento e com a consciência (Capra, 2006, p.213).

Prossegue em sua abordagem sobre o tema: “O papel crucial da linguagem na evolução humana não foi a capacidade de trocar idéias, mas o aumento da capacidade de cooperar” (Capra, 2006, p.229). Explica que à medida que o homem ampliou seu leque de relações com os outros, ampliando a diversidade de visões, entendimentos, rituais, modos de vida, também desenvolveu sua humanidade. “Ao mesmo tempo, desenvolvemos a capacidade do pensamento abstrato, a capacidade para criar um mundo interior de conceitos, de objetos e de imagens de nós mesmos.”

Maturana (2006), ao abordar sua tarefa de pesquisador, define os cientistas como pessoas que tem prazer em explicar. E explicar coisas simples, cotidianas, que nem sempre são percebidas, e que a tarefa do pesquisador traz à tona, a partir da linguagem.

[...] a cultura em que vivemos constitui o meio no qual somos realizados como seres humanos, e nos transformamos em nossas corporalidades no curso da história de nossa cultura de acordo com a identidade humana que surge e que é conservada em nossa cultura (Maturana, 2006, p.181).

Refere que vivemos uma cultura centrada na dominação e na submissão, na desconfiança e no controle, na desonestidade, no comércio e na ganância, na apropriação mútua. E aponta a importância de sermos tocados na emoção para fazer escolhas diferentes, mudando o curso da história e nos constituindo em novas identidades. “É a configuração do emocional que vivemos como *Homo Sapiens* que especifica nossa identidade humana, não nossa conduta relacional ou nosso uso de um tipo de tecnologia” (Maturana, 2006, p.181).

Ele enfatiza a linguagem como a característica diferencial do ser humano. “[...] tudo o que nós, seres humanos fazemos, nós fazemos na linguagem [...] o linguajar é nosso modo de existir como seres humanos [...]” (Maturana, 2006, p.178). As

conversações nos permitem exprimir pensamentos, sentimentos, percepções e, na socialização disso com os outros pela linguagem, refletimos, influenciemos e somos influenciados no modo de ser e nos comportarmos.

Nós, seres humanos, vivemos em conversações, e tudo o que fazemos como tais o fazemos em conversações como redes de entrelaçamento consensual de emoções e coordenações de comportamentos consensuais (Maturana, 2006, p.180).

O autor aponta a importância da emoção como característica da identidade humana e a partir da qual podemos, de fato, mudar a forma de ser e agir no mundo, porque não é pela tradição cultural, tampouco pela razão, ou pelo avanço científico e tecnológico que mudamos e nos ampliamos de forma mais humanizada. E essa mudança é processo cotidiano, em ações e atitudes simples e diárias. Santos (1987, p.57) reforça a relevância de atentar para o “conhecimento do senso comum, o conhecimento vulgar e prático com que no cotidiano orientamos nossas ações e damos sentido à nossa vida.”

Bourdieu (2007) aponta questões culturais que são mantidas concretamente pela herança material; afirma que os bens de família certificam também a continuidade da linhagem do grupo familiar e o reconhecimento de sua identidade social. Mas também transmitem valores, virtudes e competências pertinentes aos proprietários. “O interior de cada moradia exprime, em sua linguagem, o estado presente e, até mesmo, passado daqueles que o ocupam [...]” (Bourdieu, 2007, p.75).

Santos (1987) referindo a globalização como processo que homogeneiza comportamentos, linguagens e ideologias, afirma que nesse contexto, “paradoxalmente, ganham força identidades locais, regionais e nacionais”. E reforça que as identidades individuais e coletivas carregam suas possibilidades futuras de vir a ser, criar, bem como um presente de angústias, aspirações e incertezas.

3 MÉTODO DE PESQUISA

Apoiada na definição de pesquisa defendida por Gil (2006, p.17) “Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”, o presente trabalho consistiu na busca dos significados e das representações que constroem esses significados, para um grupo de mulheres, a sua participação numa rede social chamada clube de mães.

Busquei analisar o significado dos discursos e das práticas dessas mulheres; acompanhei o desenvolvimento de reuniões do grupo, entrevistei individualmente suas integrantes a partir de questões abertas; observei o comportamento de algumas dessas mulheres em diferentes situações sociais; ouvi também opiniões de pessoas próximas a elas, mas não integrantes do grupo; convivi com o grupo em diferentes momentos.

A orientação de Thompson na abordagem das entrevistas. O autor aponta para importância de o entrevistador se posicionar com

[...] interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles, e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar (Thompson, 1998, p.254).

Levei em conta seu alerta também para fazer perguntas simples e diretas (e não diretivas que direcionam as respostas), utilizando termos cotidianos comumente utilizados na comunidade, com o objetivo de encorajá-las a falar sobre suas vidas e a vida do grupo, seus fazeres e seus projetos comuns. Percebi que esse tipo de

pergunta não é comum na vida das pessoas, por isso as respostas não são facilmente conseguidas.

Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta (Thompson, 1998, p.197).

As percepções e significações que cada uma das mulheres referiu para sua participação no grupo demandaram “cavar fundo” em sua subjetividade, pensar sobre o cotidiano, fazeres, relações e emoções. Estabelecer essa reflexão foi um desafio também para elas, pois essa é uma conversa que as pessoas não estão acostumadas fazer.

Ciente que nos exprimimos não somente por palavras, procurei observar o comportamento, os gestos, as expressões de dúvidas e de emoções nem sempre traduzidas nas palavras. Busquei essa atenção e “escuta” também no acompanhamento das reuniões do grupo e em outros eventos em que encontrava uma integrante do clube de mães.

Exatamente o modo como fala sobre ela, como a ordena, a que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, é que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista; mas para este fim, essas coisas se tornam o texto fundamental a ser estudado (Thompson, 1998, p.258).

Minayo contribui na atenção a esse aspecto:

[...] qualquer discurso teórico não é a revelação total da realidade, é a realização de um real possível ao sujeito, sob condições histórico-sociais dadas: o objeto construído anuncia e denuncia o sujeito que a constrói: ela é a exteriorização de sua interioridade, do seu tempo, do seu meio, de suas questões, de sua inserção de classe (Minayo, 1996, p.250).

A decisão de lançar mão de diferentes instrumentos para reunir informações sobre o objeto de pesquisa foi motivada pela curiosidade de experimentar a realização de registros etnográficos. Fino (2007) define a etnografia como a descrição da cultura em que o pesquisador mergulha. E não só a descrição, mas a busca da compreensão e interpretação das situações que envolvem os comportamentos, rotinas, crenças e relações entre os dados e entre os participantes do trabalho de pesquisa, não somente os entrevistados.

O autor, no seu estudo etnográfico referente às culturas escolares locais, afirma ser esta (etnografia) uma experiência altamente pessoal, que exige interligação dos procedimentos de campo com as capacidades individuais do pesquisador. Por isso, o trabalho de campo se torna uma experiência personalizada. Segundo ele, a riqueza de significado dos resultados obtidos depende diretamente em grande medida da habilidade, da disciplina e perspectiva do observador, e é essa simultaneamente, a sua riqueza e a sua fraqueza.

Imergi na vida do grupo, observando falas, rotinas, costumes; dialogando e provocando a evocação dos porquês de fazeres; buscando captar significados nos gestos, nas expressões, tons de voz. Fiz visitas às residências dessas mulheres para as entrevistas individuais em datas programadas; participei de reuniões do grupo com o intuito de observar o comportamento das integrantes; mantive conversas com elas em encontros sociais e eventos culturais na comunidade; reuni informações acerca do histórico do grupo a partir do livro de atas de reuniões. Registros referentes a essas diferentes incursões na vida dessas mulheres são referidas neste trabalho.

A tarefa de revelar os significados das informações colhidas, contudo, exigiu esforço, dedicação de tempo e muitas leituras de embasamento teórico que serviram de referência para formular interpretações. Levi-Strauss, numa referência à complexidade dos estudos estruturais da sociedade, afirma: “Quando um antropólogo evoca tarefas que o esperam e tudo que deveria estar em condições de realizar, o desencorajamento de apodera dele: como realizá-las com os documentos de que dispõe?” (Levi-Strauss, 1996, p.360).

Fazer a descrição narrativa de um período de convivência com o grupo, ciente da relação estabelecida entre quem investiga e quem é investigado, revelou-se realmente uma tarefa substancial. A tentativa de manter a imparcialidade frente às situações de convívio e de opinião, especialmente as de conflito entre os sujeitos da pesquisa, esteve sempre presente, evitando direcionar falas e ações dos investigados. Porém, conforme Fino (2007), a subjetividade do investigador entra no jogo da interpretação; quanto mais imerso na vida da comunidade, mais se amplia a

possibilidade de compreensão dos porquês de suas falas, de sua forma de agir e de se relacionar com o ambiente.

Gil (2006) aponta que a pesquisa “apresentará sempre algumas limitações no que se refere ao estudo das relações sociais mais amplas”, no que o autor cita as institucionais e no que nós agregamos as de natureza cultural. Retomando Levi-Strauss, referência para pesquisas dessa natureza, transcrevo um trecho em que ele faz referência a Kroeber (1876-1960), antropólogo estadunidense que se dedicou ao estudo de temas abrangentes como arte, cultura, linguagem, relações de parentesco:

Um sistema, ou uma configuração, é sempre, por natureza, outra coisa e mais do que a soma de suas partes; inclui também as relações entre as partes: sua rede de inter-conexões, que acrescenta um elemento significativo suplementar (Levi-Strauss, 1996, p.362).

Morin, retomando os princípios propostos por Pascal: “Considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tanto quanto conhecer o todo sem conhecer, particularmente, as partes...”, defende a forma de pensar mais complexamente o conhecimento, propondo diálogo entre conhecimentos científicos e saberes cotidianos. E explica a existência de três princípios da incerteza no conhecimento:

- o primeiro é cerebral: o conhecimento nunca é o reflexo do real, mas sempre tradução e construção, isto é, comporta risco de erro;
 - o segundo é físico: o conhecimento dos fatos é sempre tributário da interpretação;
 - o terceiro é epistemológico decorre da crise dos fundamentos da certeza, em filosofia (a partir de Nietzsche), depois em ciência (a partir de Bachelard e Popper).
- Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza (Morin, 2009, p.59).

Assim, com a necessária humildade e ciência de minha pequenez diante de uma tarefa tão desafiadora e grandiosa, mas com a convicção de contar com uma bagagem de leituras orientadoras e vivências como educadora, assumi a tarefa de tecer relações entre os dados colhidos, fazendo inferências e interpretações: uma verdadeira tessitura de significações, rica também para meu próprio crescimento pessoal.

O conteúdo acumulado a partir de entrevistas, observações, consulta aos registros de atas de reuniões, conversas informais, visitas e participações em encontros do grupo foi sistematicamente anotado. Conforme devidamente pactuado com as mulheres do grupo, objeto da minha pesquisa, os nomes utilizados no capítulo 4, onde registro as entrevistas e observações minhas acerca de cada uma, são nomes fictícios.

De posse de muitos dados, apoiada na orientação de Moraes (1999), reuni descritivamente o conteúdo em unidades a partir de interpretações do material colhido, consciente do cunho pessoal e subjetivo que as inferências carregam por natureza.

Mas, para que a compreensão seja possível, inicio por situar os sujeitos pesquisados, esclarecendo enfim, qual é a aldeia onde me proponho a conviver no decorrer deste trabalho.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO TERRITÓRIO

Imigrante é um pequeno e jovem Município localizado no Vale do Taquari⁴ RS. Seu território se compõe de 76km² e sua população se constitui de 3.013 habitantes, de acordo com a contagem da população - IBGE 2007.

A formação do município de Imigrante aconteceu a partir de um significativo movimento popular, dirigido por algumas lideranças locais, embasados no entendimento que o território sofria pela desatenção das autoridades municipais e as pessoas se consideravam abandonadas, sem o atendimento a serviços básicos de saúde e de infraestrutura de comunicação e estradas, principalmente. Um plebiscito ocorrido em 10 de abril de 1988 consubstanciou a vontade popular, com o resultado de 80% dos votantes optando pelo “sim” à formação do Município.

O ato oficial de criação do Município aconteceu em 09 de maio de 1988, pela Lei estadual nº 8605, que definiu a junção de áreas até então pertencentes aos municípios de Estrela e Garibaldi, na constituição de novo ente federativo. Assim, as áreas do distrito de Arroio da Seca (Estrela) e do distrito de Daltro Filho (Garibaldi), conforme lei já referida, foram destacadas dos municípios de origem e passaram a formar o novo Município.

⁴ A região do Vale do Taquari, de acordo com o Decreto nº 45.436, de 9 de janeiro de 2008, é formado por 36 municípios: Anta Gorda, Arroio do Meio, Arvorezinha, Bom Retiro do Sul, Canudos do Vale, Capitão, Colinas, Coqueiro Baixo, Cruzeiro do Sul, Dois Lajeados, Doutor Ricardo, Encantado, Estrela, Fazenda Vilanova, Forquetinha, Ilópolis, Imigrante, Lajeado, Marques de Souza, Muçum, Nova Bréscia, Paverama, Poço das Antas, Pouso Novo, Progresso, Putinga, Relvado, Roca Sales, Santa Clara do Sul, Sério, Tabai, Taquari, Teutônia, Travesseiro, Vespasiano Corrêa e Westfália. Mais informações em: <http://www.al.rs.gov.br/legis>.

Hessel (1998) explica que a definição do nome “Imigrante” aconteceu após longa discussão das lideranças do movimento pela emancipação, que entenderam ser a forma de homenagear os primeiros habitantes do território, imigrantes provindos da Europa, principalmente da Alemanha e Itália, cuja descendência forma a população atual do território.

Após uma campanha eleitoral com candidatura única para o Executivo Municipal, processo também muito negociado entre as lideranças, o primeiro Prefeito Municipal foi eleito em outubro do mesmo ano e os primeiros atos oficiais do Município ocorreram a partir de janeiro de 1989 (Hessel, 1998).

Sinais de cultivo à memória dos antepassados e de fomento à cultura européia trazida pelos colonizadores imigrantes são percebidos no cotidiano da população. A existência grupos de danças alemãs e italianas, de canto-corais e grupos instrumentais de formação e repertório típico, são sinais disso. Também corrobora essa afirmativa a inserção no currículo escolar da rede municipal dos componentes curriculares de língua italiana e língua alemã, como alternativa de escolha da família. Ainda, o calendário anual de eventos do Município⁵ concentra atividades e eventos muito variados, emblemáticos da diversidade cultural.

Seu povo carrega as marcas da rica miscigenação do povo brasileiro, onde etnias, religiões, tradições políticas e línguas diferentes convivem, revelando ricas misturas que passam despercebidas pela população local. Visitantes que se integram em rotas turísticas pela Região é que percebem sotaques, costumes e modos de vida diferenciados.

As duas comunidades urbanas, originadas dos antigos distritos, mantêm características que as diferenciam uma da outra: os moradores de Daltro Filho cultivam costumes da cultura italiana e católica; a sede do município, Arroio da

⁵ Calendário anual de eventos consiste na organização dos eventos promovidos pelas diversas entidades com sede no Município. A SMECDT recebe as informações até o mês de novembro, confere eventuais sobreposições de eventos em mesmas datas, contata os grupos envolvidos, reorganiza as informações e, após, a divulgação é feita de forma impressa e por meio eletrônico, constando no *site* <http://www.imigrante-rs.com.br>. O calendário anual de eventos é uma forma de divulgação interna das programações e fomentar a participação da comunidade, valorizando as atividades dos grupos.

Seca, possui marcas características da cultura alemã e luterana. Manifestações religiosas, língua e gastronomia são exemplos dessas diferenças que os habitantes carregam, e que cada vez mais convivem de forma não conflituosa, enriquecendo as oportunidades dos novos imigrantenses.

Quanto à economia, dados obtidos junto à Secretaria de Administração e Fazenda do Município, mostram que Imigrante sobrevive do tripé agropecuária, indústria e serviços, variação que lhe oferece um equilíbrio econômico-social interessante. Produção de aves, suínos e leite são os itens mais significativos da produção primária. Metalurgia, de produtos químicos de limpeza, confecções, laticínios e derivados da madeira, compõem a indústria de transformação.

4.1 A rede social Clube de Mães

A expressão “clubes de mães” é encontrada em notícias de divulgação de encontros e campanhas, geralmente com cunho solidário, em muitos veículos de comunicação. Esses grupos existem em diferentes estados brasileiros. O teor das notícias leva-nos a inferir que sua atuação está geralmente associada à amenização de problemas da comunidade local, com ações pontuais de participação cidadã e, às vezes, com atividades que visam à geração de renda complementar para as integrantes dos grupos.

Minhas primeiras investidas de busca acerca do assunto aconteceram junto ao escritório EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural local, já que a funcionária que detém o cargo de extensionista rural é quem faz a coordenação geral desse trabalho com mulheres. Soube, então, que cada uma das comunidades rurais e as duas comunidades urbanas de Imigrante têm pelo menos um “Clube de Mães”. Esses grupos mantêm uma rotina de encontro mensal de trabalho com a coordenação geral. Além disso, promovem encontros festivos aos sábados à tarde, para os quais acorrem integrantes dos diversos grupos.

Observando a movimentação de vans e ônibus nas tardes de sábado, transportando grupos de mulheres para participarem de “Chás de Clubes de Mães”,

fiquei indagando acerca da mudança de rotinas dentro das famílias promovida por esse movimento. Afinal, um turno semanal tem agenda fixa para essas mulheres, geralmente ligadas ao lar e ao trabalho na agricultura, ou então, funcionárias de indústrias locais, segundo a informação da coordenadora.

A primeira conversa com a coordenadora foi de muitas explicações minhas sobre minha proposta de pesquisa. Ela me recebeu com certa desconfiança, como se não acreditasse que “um trabalho tão simples, pois a gente não sabe muito, mas vai fazendo porque elas (referindo-se às mulheres envolvidas nos grupos) gostam”, disse ela. Expliquei quais eram os meus objetivos e ela foi ficando mais à vontade. Essa primeira abordagem me trouxe várias reflexões e suposições: novos aprendizados, decorrentes da socialização de vivências e saberes entre as integrantes dessa rede social, possivelmente gerem mudanças no comportamento individual e na vida familiar.

Elas convivem com muitas outras mulheres nos encontros festivos, cujo território se expande para a Região, pois os grupos mantêm vínculos com clubes de mães de outros municípios. Isso pode gerar mudanças no seu modo de ser e de apreender o mundo. Ainda: o desempenho de funções na organização do grupo, diferentes das exercidas na vida pessoal (família e trabalho), desencadeia mudanças na sua forma de ser e perceber-se a si mesma e aos outros? Auto-estima, relações interpessoais, percepções acerca da vida, da sociedade, do ambiente, entre outros aspectos, sofrem influência da experiência de fazer parte do Clube de Mães?

Dentre os 12 grupos de mulheres existentes no município de Imigrante, optei por me aproximar do Clube de Mães *Blumenstrauss*⁶, do bairro Daltro Filho, comunidade que apresenta uma diversidade étnico-cultural mais diversificada e é um grupo com poucas integrantes, o que me permitiu interessantes conversas individuais com todas as integrantes.

⁶ Palavra da Língua Alemã, cuja tradução é “ramalhete” (Dicionário Alemão-Português, 1989, p.88), ao que acrescentamos, a título de clareza do significado: ramalhete de flores.

4.2 BLUMENSTRAUSS – Diversidade em Convivência no Grupo de Mulheres

4.2.1 Historiando o *Blumenstraus*s

A partir da conversa com a coordenadora geral, soube da agenda de reunião do grupo selecionado, me apresentei e negocieei com elas a possibilidade de convívio para a realização do trabalho. Já credenciada pela coordenadora geral, minha proposta foi aceita “com muita honra”, segundo elas. Imediata também foi a liberação do livro de atas, o qual contém informações sobre o funcionamento do grupo desde a sua fundação, do qual retiro as informações que seguem.

Há treze anos, um grupo de mulheres de uma localidade oficialmente urbana, mas com característica de vida rural, se reuniram no dia 13 de agosto na casa de uma dessas mulheres, com a finalidade de iniciar um “clube de mulheres”, conforme consta na ata da reunião. Nesse documento consta que a coordenadora do trabalho, funcionária da EMATER, explicou como deve funcionar o trabalho para o bom andamento do grupo: “procurar sempre compreender a outra, isto é, ver sempre as qualidades e aceitar os defeitos e, principalmente, sermos sempre sinceras.”

Desde os primeiros registros de reuniões, e mesmo que não estejam claramente escritos os objetivos da fundação do grupo, encontram-se referências ao aprendizado e socialização de informações e idéias acerca de práticas gastronômicas, cuidados com a saúde preventiva e curativa, economia doméstica, cuidados ambientais e trabalhos artesanais, entre outros.

O grupo começou com treze mulheres, onze delas eram mães. Já na primeira reunião, combinaram que os encontros seriam mensais e que, em forma de rodízio, cada uma das integrantes seria anfitriã. Assim, o grupo não teria local fixo reunir-se. E ainda na mesma tarde de agosto de 1996, escolheram uma representante, enquanto não fosse votada uma diretoria e combinaram “uma colaboração das componentes para as primeiras despesas”, mesmo que não há registro acerca do quê. O nome *Blumenstraus*s foi sugestão de uma das “sócias” e acolhida pelo grupo, porque Buquê de Flores teve “votação favorável do grupo”. Grupo de Senhoras, Clube de Mulheres, Grupo *Blumenstraus*s – essas são as formas registradas em atas identificando o grupo. Em agosto de 1999, pela primeira vez, a organização

está referida como Clube de Mães *Blumenstrauss* e nada consta como explicação para isso.

As atas seguintes revelam a regularidade de reuniões, conforme a proposta: encontros mensais, sempre noutra casa e com média de 10 presenças nos primeiros 8 anos. Os registros, apesar das dificuldades no uso da língua escrita, que exigem do leitor um pouco de paciência para a decodificação, evidenciam cuidado e zelo para escrever sobre o assunto da palestra ou prática socializada.

Ainda, várias atas, evidenciam algumas rotinas das reuniões que iniciam com uma oração ou canto, seguindo-se a leitura da ata da reunião anterior, após palestra, associada ou não a uma prática gastronômica, de trabalho artesanal ou feitura de chá, pomada, ou remédio caseiro à base de “ervas medicinais” (este último assunto seguidamente é mencionado nos registros).

Conforme a habilidade da escriba, função que também se alterna entre as sócias que “levam jeito para escrever”, os registros são mais completos ou apenas apontam local, data, assunto tratado e presenças, reveladas pelas assinaturas. Em alguns períodos as reuniões se realizaram bimestralmente, não havendo explicação escrita para a mudança de periodicidade. Exceção expressa consta na ata da reunião de dezembro de 1998, quando está explicado um período em que o grupo não teve reuniões, durante a licença-maternidade da profissional ligada à EMATER, que representa o elo entre o *Blumenstrauss* e outros grupos congêneres do Município de Imigrante, e que, junto com a diretoria eleita, programa os assuntos das reuniões.

Muito interessante é a forma como os registros anunciam o ingresso de novas integrantes: “com muita honra recebemos as novas sócias” e a seguir são nomeadas. Da mesma forma, também são referidas as saídas de alguma integrante, que comunicam pessoalmente em reunião a sua desistência, ou alguém da diretoria comunica às demais.

Em nenhum registro consta a motivação para a saída, contudo, a mudança de residência para outra cidade e impossibilidade de participação nas reuniões por motivo de trabalho seriam razões plausíveis para alguns afastamentos. Algumas

sócias entraram e saíram do grupo algumas vezes, mesmo continuando a residir no mesmo local. A relação entre duas informações: registros de ingresso de novas sócias e o nome da presidente do grupo no período – cargo renovado a cada ano em processo eletivo - aponta para a hipótese do carisma agregador de algumas líderes; coincidência ou não, em gestões diferentes de uma mesma presidente, acontecem ingressos de novas sócias.

As participantes são chamadas de sócias desde o primeiro encontro, ocasião em que já é mencionada a necessidade de colaboração de cada integrante para despesas do grupo. Em registros de reuniões subseqüentes há menção acerca de rifa, com a finalidade de “formar caixa para o clube”. Em data posterior conta em registro de ata que o grupo decidiu por definir uma contribuição mensal das integrantes, quando combinam uma taxa que é coletada a cada reunião.

Infere-se, em seguida, acompanhando as informações das atas, que os recursos financeiros do grupo são utilizados para o custeio de locomoção das integrantes para os “chás de sábados à tarde”, eventos de encontro e confraternização de vários grupos similares, oriundos de diversos municípios vizinhos. Esses encontros chamados Chás dos Clubes de Mães sempre têm a organização sob a responsabilidade de um grupo, e a programação consta de recepção aos visitantes, várias atrações de entretenimento e integração, como brincadeiras e dança, exposição e venda de produtos artesanais e o momento gastronômico: chá ou café e grande variedade de pratos doces e salgados, os quais têm alguma variação conforme a cultura local.

Esse evento, que cada grupo organiza uma vez por ano, representa a maior entrada anual de recursos financeiros para o grupo promotor. Infere-se também que o custeio pelo caixa coletivo das despesas para participação nesses chás, é a forma de estimular a maior participação das sócias nessas saídas de intercâmbio, porque “temos a obrigação de colaborar com os outros para que venham no nosso chá”, é o que consta em uma das atas de reunião.

4.2.2 Diversidade de Discussões e Aprendizados

As reuniões do grupo acontecem uma vez por mês (em alguns períodos, em intervalos maiores), tendo como local a casa de uma das participantes, em forma de rodízio; após uma mensagem, canto ou oração inicial, acontece um momento do que os registros apontam como palestra, cuja responsabilidade está a cargo da profissional vinculada à EMATER.

Alguns dos temas que constam nas atas são os seguintes: cuidados básicos com relação à saúde, especialmente higiene e alimentação saudável; estudo acerca de várias doenças e formas de prevenir-se delas; propriedades e usos de ervas medicinais, com preparo de chás, pomadas e remédios caseiros; noções de economia doméstica, acompanhada de preparo de produtos de uso comum nas famílias, aproveitando o que normalmente seria descartado, como por exemplo, sabão à base de gorduras residuais de uso doméstico.

Temas ligados à educação ambiental têm registros seguidos, dentre eles os cuidados com a água, tanto com relação à importância do consumo diário de “água pura”, quanto ao zelo para não desperdiçá-la no uso das tarefas domésticas. O aproveitamento de cascas, talos e outras partes de vegetais, comumente não consideradas importantes e por isso descartadas, também é apontado em registros de práticas gastronômicas experienciadas nas tardes de encontros, assim como o alerta para cuidados no manuseio de inseticidas e antipragas das lavouras. O aproveitamento de frutas e legumes de produção sazonal em forma de conservas tem várias referências em atas.

A insistência com que se encontram apontamentos sobre uso de ervas medicinais, chás, pomadas e outros remédios caseiros, denota a importância que a coordenadora do trabalho dá a esse tema, do qual há várias referências sobre relatos de sua participação em cursos. Infere-se que há interesse do grupo nesses estudos, haja vista a retomada de tempos em tempos, sobre preparo de produtos, envasamento e divisão entre as integrantes.

As práticas gastronômicas são bem variadas, compondo-se de pratos doces e salgados, mas tendo a preocupação de serem saudáveis. Diminuição de quantidades de sal e gorduras, assim como a substituição o quanto possível do açúcar branco pelo mel, melado e açúcar mascavo. Ao par de palestras sobre os efeitos do sal, açúcar branco e gorduras na saúde, as mulheres “botam a mão na massa” e preparam, sob a coordenação da instrutora, pratos saudáveis que são saboreados ao final das reuniões.

Não são poucas as referências de socialização de informações ou combinações de programações futuras, ou discussões sobre assuntos diversos, “enquanto o bolo assava” ou “aproveitando o tempo do creme esfriar”. A medição da pressão arterial passou a ser prática nas reuniões, após a decisão tomada em grupo, em agosto de 1999, de adquirir um “aparelho de medir pressão”, o qual é manuseado por uma integrante que recebeu treinamento para tal. Interessante que no ano seguinte, há referência à suspeita de que “não estava funcionando”, porque apresentava “muita variação”, percebida durante uma sessão de medição, e por isso foi enviado para calibragem.

A prática de trabalhos artesanais refere uso de materiais muito simples, como por exemplo, jornais velhos cujas folhas são enroladas, formando cordas de espessuras diversas, as quais são amarradas ou coladas, na construção de chapéus, fruteiras e outros utensílios de uso doméstico.

Trabalhos envolvendo agulhas, linhas e tecidos são bastante freqüentes e se mantêm no cotidiano do grupo durante todo o período de sua existência. Constata-se que em alguns períodos, esses trabalhos dão lugar a uma novidade sugerida por alguém do grupo que aprendeu a lidar com novo material e socializa isso com as colegas. Depois voltam as referências às linhas, às agulhas, aos tecidos.

O resgate de práticas artesanais mais antigas, como as construções com palhas de trigo e de milho, também têm tido espaço dentro do grupo e são apresentadas com orgulho nos encontros com outros grupos.

Socialização de informações sobre doenças também integra a programação das reuniões: hipertensão, diabetes, câncer, leptospirose, verminose, depressão,

entre outras. O grupo recebe, de vez em quando, participantes esporádicos para alguma palestra. Profissionais da saúde, ligadas ao serviço de saúde pública do Município, assim como outros profissionais ligados à EMATER, como agrônomos. Os registros dessas reuniões geralmente referem elogios e agradecimentos a esses participantes, revelando importância e honra para o grupo receber essa colaboração para seu crescimento.

Há poucas referências a discussões do grupo durante ou após as palestras. Contudo, na reunião em que o assunto foi Menopausa, há clara referência à conversa entre as integrantes que “já estão nessa fase”; registro semelhante encontra-se na reunião em que tema Depressão foi abordado, está mencionada uma conversa “sobre como ajudar uma pessoa que se sente deprimida”. Noutra reunião, quando o tema abordado pela “palestrante”, muitas vezes referida como “a extensionista da EMATER”, envolveu o tema triglicerídeos, cujo registro assim aponta: “no nosso grupo só uma pessoa tem esse problema de saúde”.

Os nomes das integrantes revelam uma rica diversidade étnica. As descendentes de alemães e as descendentes de italianos representam, cada uma, mais de um terço do grupo. Os nomes “Rodrigues” e “dos Santos”, que revelam origem étnica diversa, se restringem a duas famílias. E fruto de casamentos, acontecem novas mesclas culturais, porque mulheres de origem germânica são casadas com descendentes de italianos e assim por diante. Constata-se, assim, a convivência de uma diversidade étnico-cultural muito rica, que mescla hábitos e costumes, valores e rotinas de trabalho e vida, educação e rituais religiosos.

4.2.3 Trajetórias e Historicidade das Mulheres do *Blumenstrauss*

“Quem está e atua na história faz constantemente a experiência e que nada retorna. Reconhecer o que é não quer dizer aqui conhecer o que há num momento, mas perceber os limites dentro dos quais ainda há possibilidade de futuro para as expectativas e os planos: ou mais fundamentalmente, que toda expectativa e toda planificação dos seres finitos é, por sua vez, finita e limitada. A verdadeira experiência é assim, a experiência é assim, a experiência da própria historicidade” (Gadamer, 1998, p.527-528).

Situada na vida do grupo, a partir da leitura dos registros documentais e do acompanhamento de algumas reuniões do *Blumenstrauss*, optei por reunir as informações colhidas durante as entrevistas individuais com as integrantes do grupo. Os textos que seguem são construções a partir do que ouvi das entrevistadas associado ao que inferi da escuta e das observações desses sujeitos em diferentes momentos em que foram alvo da minha atenção no período de agosto de 2009 a janeiro de 2010. É a constante tentativa de experienciar o que Geertz chama de descrição densa.

As dificuldades para efetivar as entrevistas aconteceram, mas geralmente por situações externas à vontade dos diretamente envolvidos, como a chegada de uma visita inesperada ou o insistente toque do telefone na casa da entrevistada. Aconteceram também adiamentos de entrevistas marcadas, por conta de eventos inusitados, como o falecimento de morador das proximidades ou de parentes, situações, essas, que demandam natural envolvimento das pessoas na comunidade pesquisada.

Não senti qualquer resistência à minha presença nos encontros do grupo, nem tampouco, com relação à visita às residências para conversar individualmente com essas mulheres. Entendo que a negociação feita no início do trabalho, primeiro com a coordenadora geral, depois com o grupo todo, como um pedido de licença para entrar na vida do grupo, tornou-me familiar a elas e por isso, ficou estabelecida a necessária confiança para nossas conversas individuais.

As entrevistas foram apenas orientadas por questões abertas propostas por mim, após o tempo necessário para um preâmbulo que envolvia as flores do jardim, as crianças ou os cachorros que me recebiam nas imediações da casa, ou as lindas peças artesanais que compunham o ambiente interno da residência. As conversas exigiram um tempo maior do que eu inicialmente imaginava, justamente porque buscava construir um clima de tranquilidade e confiança para direcionar a temática, assim propondo: Conte um pouco de sua vida. O que significa para você participar do clube de mães? O que tem de bom em participar do clube? Existem dificuldades na vida do grupo? Por que, mesmo, você integra o *Blumenstrauss*?

A partir das respostas, o fio para a descoberta de novas apreensões e entendimentos. Algumas discorriam sobre vida, família, trabalho, angústias, alegrias, tarefas compartilhadas, sem necessidade de indagações. Com outras, a conversa, de fato, precisava ser puxada a partir de algumas perguntas, então, eu tomava o cuidado de formulá-las com linguagem muito simples e sem direcionar as respostas, seguindo as orientações de Thompson (1998).

Uma constatação, na minha percepção, muito interessante. A narrativa dos fatos da vida era-lhes tarefa muito fácil, discorriam naturalmente sobre situações vividas, como se essa resposta já estivesse pronta e, à medida que sentiam meu interesse em ouvi-las, ampliavam os detalhes, puxavam da memória novas situações. Entretanto, indagações acerca do grupo, importância, dificuldades na convivência, etc., demandavam alguma reflexão, alguma elaboração da resposta.

Salvo situação muito peculiar, que adiante relato acerca de conflitos de relação entre membros do grupo, não percebi constrangimento delas em falar sobre o assunto comigo. O que realmente inferi, foi que não haviam pensado nessas questões antes, elas realmente precisavam refletir um pouco para dizer do que gostam, o que as incomoda, por que é importante fazer parte do Clube de Mães.

Seguem, então, registros acerca de cada uma das entrevistadas.

4.2.3.1 Mãe sofrida – vovó renovada e habilidosa

Marta tem pouco mais de 60 anos, sua vida sempre foi ligada às funções domésticas e ao trabalho rural. Estudou até o 5º ano em escola pública administrada por congregação religiosa e sua referência ao tempo de escola é que “a gente tinha que caminhar muito, porque a escola era longe” e que no outro turno “tinha que ajudar na roça”. Casada há 40 anos, teve 5 filhas mulheres, duas já falecidas.

Magra, pouco sorriso e olhar distante; seu aspecto físico revela muito sofrimento, apresentando idade além da real. Olhos afundados e pele ressecada,

cabelos muito grisalhos e mãos calosas, marca de quem ainda trabalha nas lidas do campo.

Dois temas a entusiasma prontamente: os netos e os trabalhos do Clube de Mães. Tem 4 netos, 3 meninos e uma menina e está entusiasmada pela recente notícia da chegada de mais um neto. Um casal de netos (de 6 e 7 anos) vivem em sua casa, junto com a filha e genro. Fala entusiasticamente acerca da afetividade na convivência com essas crianças, referindo que há disputa para dormir na cama da vovó, assim como há pedidos deles para o preparo de determinados pratos da preferência de um ou de outro. E em caso de tosse, é solicitado o “xarope da vovó”, cuja produção é resultado de aprendizado do Clube de Mães na manipulação de ervas, raízes e cascas de plantas medicinais.

Em sua cozinha, vários guardanapos e utensílios são produção artesanal resultante de “tudo isso que se aprende no Clube de Mães”, o que solícitamente explica como e quando fez. Nesses momentos, há brilho em seu olhar; percebe-se que tem orgulho da facilidade com que aprende novas práticas manuais, assim como tem ciência que é a integrante do Clube que mais entende acerca de medicina caseira. Chás, xaropes expectorantes, pomadas anti-inflamatórias e cicatrizantes, infusões para disfunções digestivas e tantos outros preparados com ervas, raízes e plantas têm nela uma referência dentro da comunidade.

Na juventude teve muita vivência em grupos de jovens, tendo participado de grupos de teatro e canto coral. Hoje não se interessa mais por isso, mas demonstra ter muita vontade de ainda aprender muitas coisas, e vê na sua participação no Clube essa possibilidade. Revela em palavras e fisionomia muita frustração pela forma como as líderes atuais conduzem o grupo: “elas não se entendem”, referindo-se à presidente e à vice; “quando uma puxa para cá, a outra vai para lá”. Algumas expressões também revelam dificuldade no relacionamento com o marido, nitidamente há um distanciamento grande entre eles. O que era impressão inicial, passou a se confirmar em momentos de convivência posterior, dada a forma como a ele se refere “não adianta dizer, ele não entende”, “ninguém muda o jeito que ele pensa”, “para ele, o que a gente sente não importa”.

Marta demonstra muita amargura e, apesar de passados mais de 30 anos da perda da filha mais velha, aos 8 anos de idade, em função de leucemia, continua sofrendo “a primeira parte de mim que se foi”. A segunda perda foi a da filha mais nova, quando tinha 11 anos, em decorrência de um ataque cardíaco e desse evento também já decorreram mais de 10 anos. Essa perda, dada a surpresa com que ocorreu, “ela se queixou de dor de garganta e por isso não foi à aula e ficou de cama. Como vou esperar que no dia seguinte ela morre nos meus braços?” Chora emocionadamente ao relembrar o ocorrido e tem-se a sensação de que fala do dia anterior, tal o detalhamento do relato e o sentimento de dor que revela.

A impressão que fica é que a amargura faz parte de seus dias, revelada pelas palavras, expressão facial e postura corporal. Uma pessoa com falta de forças, sem vigor para a vida. A chegada dos netos em casa, correria pelo ambiente e a procura pelo seu colo desfazem esse quadro. O sorriso largo se estampa, seguido de abraços e beijos nos pequenos. Outra Marta aparece.

Situação semelhante se percebe quando fala de sua participação no Clube de Mães ou quando toma nas mãos uma de suas construções artesanais, das quais parece ter destaque o que faz com palhas de milho, no que demonstra ter muita habilidade no enrolar e construir novas peças. Nos momentos de convivência no grupo, Marta é uma das primeiras na exposição de opinião e é enfática nos posicionamentos, não se restringindo à linguagem corporal para manifestar concordância ou contrariedade com uma idéia. Marta é muito falante no grupo.

4.2.3.2 “Que mal tem em dançar?”

Mirtes, idade próxima aos 60, está aposentada há 8 meses. Tem 3 filhos e também 3 netos, de quem fala com muito carinho. Coursou somente até a 2ª série, porque morava numa localidade do interior em município vizinho. Veio a Imigrante pouco antes do casamento, que já tem mais de 30 anos e “está sempre em crise”, tendo passado por período de separação, há algum tempo, e depois “resolvemos morar juntos de novo”. Foi durante mais da metade de sua vida, trabalhadora rural, tempo do qual não tem saudade, “porque era muito sofrido.”

É muito transparente na fala e gestos, sobre o que gosta ou não. Riso fácil e brilho no olhar. Demonstra ter muito cuidado com sua aparência e valoriza brilhos e cores nas roupas. Adora estar aposentada. “Agora a vida é mais tranqüila e dá para dormir mais. Continua a falar sobre si e diz: “Tenho orgulho da minha saúde, já que não sou tão nova.”

Está vinculada ao Clube há 8 anos, mas nem sempre pode participar das tardes de reuniões nesse período, em função de seu trabalho na indústria de confecções, onde era costureira. Mas dos chás de sábados à tarde, costumava participar. Atualmente vai aos encontros “quando não tem bailões dos idosos”, eventos rotineiros que juntam aposentados e idosos para tardes de dança. Refere que considera esses eventos mais divertidos do que os Chás dos Clubes de Mães, porque tem mais movimento e sempre tem dança.

Durante as reuniões informativas e decisórias do Clube, Mirtes é bastante quieta, escuta e às vezes parece estar distraída. Mas basta uma situação hilária acontecer, que sua gargalhada rompe sonora, seguida de comentário e geralmente de um toque amigável na perna ou ombro da colega que está ao seu lado, como reforço de sua opinião.

Na sua transparência e despreocupação com o que os outros pensam, fala abertamente sobre sua vida conjugal em crise: “ele não gosta de dançar como eu, mas eu nem ligo, eu vou sozinha [...] que mal tem em dançar?” indaga, referindo-se aos bailões e a seu gosto pela dança, no que não tem a companhia do marido.

Com relação ao grupo, refere coisas que ali aprendeu a fazer, como sabão medicinal, sabonete líquido e comidas. Lembra também das palestras. “Isso é mais importante que os chás de sábado, que parecem sempre a mesma rotina”. Questionada sobre o que quer dizer com rotina, ela esclarece que gosta é de encontrar pessoas novas, fazer amizades, conhecer outros lugares. Mas não gosta que ultimamente não tem mais dança, “é quase só o comer que é o mais importante”. Também diz: “a turma não está muito bem, porque a diretoria não está se entendendo, é uma pena!”

4.2.3.3 “Bonito é conhecer outra gente”

Anita, mais de 70 anos, viúva há aproximadamente 20 anos. Seu marido era funcionário público. Dois filhos, 4 netas e 1 bisneto e é analfabeta. Aprendeu a “assinar o nome” há poucos anos, num projeto de alfabetização de adultos. E a dificuldade para aprender a ler e escrever, referida como “minha cabeça é um pouco dura para isso”, não parece convincente quando se acompanha a grande habilidade demonstrada com a tesoura para “tirar fiapos”, expressão usada para referir o trabalho de revisão das peças confeccionadas pela empresa local, à qual tem vínculos.

Impressiona a habilidade com que manuseia a tesoura e corta restos de fios de linha e tecido, fazendo o acabamento nas peças de roupas esportivas, passando-as do lado avesso para o direito e revisando todas as costuras. Impressiona, também, o aspecto cuidado das mãos e unhas sempre bem feitas, com esmalte colorido. Cabelo penteado e sem fios brancos, o que, considerando-se sua idade, revela cuidado e vaidade.

Não é aposentada, tem pensão do marido e há 19 anos desenvolve esse trabalho na informalidade, como revisora da indústria de confecção. Um funcionário da empresa diariamente leva a sua casa caixas de roupas a serem revisadas, que ao final do dia são recolhidas, já dobradas e prontas para a venda. Conversa calmamente enquanto as peças escorregam por suas mãos e os cortes rápidos de fios formam pó que circula ao seu redor e provocam coceira no nariz, no qual passa a mão seguidamente.

Os projetos de trabalhos manuais relacionados a agulhas e linhas são os de que mais gosta, refere ela, na relação com o Clube. Durante as reuniões ela é bastante quieta, sua voz é poucas vezes ouvida, a não ser nos seus costumeiros “ahã”, uma espécie de assertiva ao que é proposto. Em conversas mais particulares, contudo, expõe várias discordâncias com o que foi decidido em grupo, nem sempre em consenso. Mencionou dificuldades com a diretoria do grupo, já que sua filha é vice-presidente. “As duas se davam muito bem e após a eleição não há mais diálogo”, diz ela acerca da relação entre a presidente e a vice. Faz questão de

contar eventos que causaram divergências entre elas, sempre defendendo a posição da filha. Em meio a conversa, diz: “A mais velha deveria ser a presidente, mas trocaram tudo”.

Apesar das tentativas de esclarecer o que significava “trocaram tudo”, não obtive êxito e sempre nova situação de conflito era narrada. A busca da ata da reunião de eleição, todavia, revelou: ambas tiveram o mesmo número de votos e, apesar de o registro não esclarecer como se deu a eleição, está claramente definido quem foi eleita presidente e também está expresso o nome da vice. Aliás, pela primeira vez esse cargo está mencionado; anteriormente sempre há referência aos cargos de presidente, secretária e tesoureira. Depreende-se daí, que nem sempre os registros apontam a totalidade das negociações feitas oralmente nas reuniões.

Anita relembra o período em que não havia conflitos tão claros no grupo e diz: “Era tudo tão bonito! Por que tem de ser assim agora?” E insiste no quanto gosta de “conhecer outra gente”, referindo-se aos encontros dos Chás de integração dos grupos, que reúnem 300 ou mais mulheres de diferentes municípios. “É tão bonito conhecer outra gente!” Sem dúvida, o grupo é o espaço que oportuniza novidades na sua rotina de vida.

4.2.3.4 “O importante é o que aprendemos com a coordenadora”

Carla é uma das sócias fundadoras. Idade entre 40 e 50 anos, casada há 21 anos, cuida da casa onde mora com os sogros, é mãe de um casal de adolescentes. Morou numa localidade distante da cidade até a adolescência, e desistiu da escola na 7ª série. Após, morou na cidade de Estrela, próxima de Imigrante, e trabalhou 8 anos numa relojoaria, o que refere como experiência importante, “porque lidar com jóias e ouro era muita responsabilidade”.

O casamento a trouxe para morar em Imigrante; mora distante do centro, mas participa de quase todas as reuniões com a extensionista da EMATER, a quem reverencia pelos conhecimentos e informações que traz ao grupo. “Para mim, o importante é o que aprendemos com a Lenita”. Indagada sobre o que aprendem, ela

refere: “com ela a gente fica por dentro do que está acontecendo no Município, dos trabalhos da EMATER e do Sindicato Rural”.

Infere-se dessa fala que nas reuniões as participantes conversam sobre muitos assuntos que não são registrados em atas, talvez porque não sejam do interesse da secretária responsável pelos registros. Continua falando de ações mais abrangentes dos trabalhadores rurais, como a recente luta para terem direito a protetor solar; “se o projeto passar, vamos receber isso do governo”, diz referindo-se a um pré-projeto de lei que tramita na Câmara dos Deputados e de cujo teor teve conhecimento em função das reuniões do grupo e por ser noticiado pela profissional da EMATER.

Carla revela ter tido até há pouco, problemas com depressão e que estava “tomando faixa preta” já em período anterior à morte de sua mãe, também sócia do Clube, há pouco mais de um ano. Passa parte da semana cuidando do pai, viúvo, sozinho e doente, alternando-se nos cuidados dele com sua filha de 19 anos. “A gente se reveza para não ficar pesado demais para cada uma.”

Conversa sobre a vida, sobre a perda da mãe e sobre a morte repentina do irmão, quando ele tinha 25 anos (e ela tinha 27), a quem sempre foi muito apegada e de quem sente muita falta, porque “ele era uma alegria só”. Muito falante, sua linguagem chama à atenção pela correção e clareza. Diz que é bom conversar sobre “essas coisas”, porque não tem com quem dividir a tristeza que se abate sobre ela de vez em quando, quando a saudade “dos que já foram” chega. “Não quero perturbar minha filha com isso, porque ela já tem preocupações suficientes com o estudo”. E refere que o marido já tem problemas demais com os próprios pais, com quem moram, os quais estão velhos e doentes.

Mostra trabalhos de crochê, no que tem muita habilidade e capricho. Capricho, aliás, que demonstra consigo mesma e com a casa, muito organizada e cheia de toalhas, guardanapos, cortinas e enfeites. Adora flores, mas “não tenho tanto sorte como a Marta” – referindo à outra integrante do grupo com quem tem muito entendimento e afinidade no trabalho – “na muda que ela encosta a mão, pode contar que dá brotação”.

É perceptível sua necessidade de conversar sobre seus sentimentos. Ouço-a e manifesto preocupação com o tempo transcorrido na conversa, não quero atrapalhar. Ela enfatiza que conversar faz muito bem e que lamenta que esses encontros não possam acontecer muitas vezes, porque “conversar faz muito bem, mais do que remédio”.

Carla manifesta sua frustração com relação aos conflitos atuais do grupo. “Ela só quer saber de sair para os Chás, não importa onde acontecem”, diz, referindo-se à vice-presidente. “Ela pouco participa das reuniões mensais, e tem decidido sozinha muitas coisas”. Entendo que as decisões não tenham sido discutidas com o grupo. “Se continuar assim, eu estou fora”. Afirma ter dito esta frase na última reunião, quando a vice-presidente comunicou data já definida para o Chá do Clube no próximo ano, o que já teria comunicado à Prefeitura para constar no Calendário de Eventos do Município. “Não entendo a cabeça dela; como resolve as coisas sem conversar no grupo?”, diz indignada.

Também demonstra estranheza na mudança ocorrida na relação entre a presidente e a vice: “elas se davam tão bem e depois que foram eleitas, não sei o que aconteceu, mas elas quase não se falam e parece que a vice quer tomar conta de tudo”. Enfatiza a falta de atitude mais firme da presidente, a quem admira porque “ela bota a mão na massa e faz acontecer, mas a outra sempre quer saber mais”, conclui. Depreende-se dessa afirmação, um sentimento de reconhecimento com relação à presidente como alguém que é prática e experiente na programação de eventos, mas que não tem liderança para sobrepor-se às iniciativas autoritárias da vice.

4.2.3.5 “Elas não aceitam o que eu quero fazer”

Maria é a vice-presidente do grupo, tem mais de 50 anos de idade e cursou até a 5ª série. Tem 3 filhas e um neto, trabalha sem carteira assinada fazendo faxinas residenciais e na empresa de confecção localizada no bairro. E, como sua mãe Anita, é revisora de produção das peças de roupas; ela e a mãe trabalham várias horas por dia juntas: a mãe, no corte de restos de linhas das costuras e ela,

na maior parte do tempo, “passa cadaço nos calções e calças de abrigos esportivos”. Em resumo, Maria faz a revisão da costura e faz a finalização do processo de confecção, como é o caso dos cadaços na cintura de calças de abrigos e calções de fardamento esportivos.

Revela que a amizade com a Vânia, atual presidente, levou-a entrar no clube, há quatro anos. Foi inicialmente convidada a participar de um Chá de sábado à tarde, ocorrido na cidade de Garibaldi e gostou. Então resolveu se associar, juntamente com sua mãe e mais tarde uma filha também se integrou ao grupo. Refere que tem dificuldade de participar das reuniões que ocorrem no meio da semana, em função de suas atividades com faxinas: “Horário de trabalho a gente tem que cumprir”, enfatiza.

“Gosto de ter amizades com todo mundo. Comecei a gostar de conhecer pessoas, conheci até parentes por causa do clube de mães”, afirma ela, mencionando encontros e início de amizades decorrentes de sua participação nos Chás de sábado à tarde. Indagada sobre o que faz uma diretoria de grupo, ela diz: “Agora que eu estou dentro da diretoria, tenho que trabalhar. Tenho experiência de liderar grupo de mulheres na minha Igreja”, referindo-se à sua participação numa igreja evangélica na cidade de Lajeado, onde morou algum tempo e onde o marido era pastor. Lembra com orgulho de seu trabalho então, quando “eu dava oficinas de economia doméstica, aulas de tricô, crochê e culinária”. Pergunto onde aprendera isso e ela refere o tempo de aluna em escola pública administrada por uma congregação religiosa, quando criança.

“Quero fazer isso no Clube, mas elas não aceitam o que eu gostaria de fazer”, diz ela, do que se infere a forma unilateral com que entende sua função. Continua dizendo: “Já marquei o café para 10 de abril de 2010 e comuniquei para elas. E elas não querem aceitar, se levantaram e foram embora”, afirma referindo uma reunião recente do grupo. “Elas não entendem que eu sei como fazer, eu tenho prática para fazer as coisas.” Com esse comentário argumentava ter razão em querer as coisas do seu jeito e realmente entender que sua função de liderança a autoriza a fazê-lo assim.

Ao se referir à colega de diretoria do grupo, diz sem qualquer titubeio: "Ela não me escuta, não aceita o que eu digo, eu falo uma coisa e ela faz outra." Insiste que já foram muito próximas, que tinham bom entendimento. E reclama que "agora ela me desvia, ela passa perto da minha casa na volta do serviço, o que custa chegar e conversar? Mas ela vai reto." Com essas palavras, quer dizer que não é procurada.

Mas afirma com insistência seu prazer em participar de integrações aos sábados à tarde. As saídas sucessivas inclusive fizeram o marido se rebelar, mas sem sucesso. "O Francisco até começou a me complicar porque eu ia todo sábado no chá. E eu disse: eu vou e ninguém me segura." Fala sem trégua de muitas situações que lhe trouxeram satisfação nessas programações, por descobrir algum elo entre uma nova conhecida e alguém de velha amizade sua ou de local de residência conhecida. "É muito bom a gente ser bem recebida nos outros lugares... Às vezes a gente vai a uma loja em Lajeado e quando se fala que é de Imigrante, a balconista fala de alguém que conhece daqui. Eu sempre digo: eu conheço todo mundo."

É desconcertante a conversa com Maria, pois seus referenciais de significados são muito próprios, parece atribuir importância gigantesca a fatos e situações que passam despercebidas para a maioria das pessoas. Por exemplo, é muito importante para ela conhecer, saber onde mora, ou quem são os pais, ou o cônjuge de alguém referido como conhecido por vendedor em loja de cidade vizinha, em eventual visita de compra. Sua vida é bastante restrita à própria casa e à vizinhança onde faz faxinas; a participação nos eventos do Clube de Mães é uma excelente oportunidade de conhecer pessoas, algo que tem muita importância para ela.

Revela um conceito de si mesma muito diferente do que as demais integrantes de seu grupo lhe atribuem. Fala em muitas certezas, em muitos saberes, em muitas competências as quais está certa de ter. Várias vezes, empolga-se nas suas narrativas, detalhando o que já fez e o que já ensinou às mulheres de sua igreja e volta a referir seu desejo de ensinar, nas reuniões do grupo de mães, as coisas que sabe. Chega cada vez mais para frente, sentando-se na ponta da cadeira

e, dedo em riste e olhar muito firme, reafirma o quanto já se esforçou pela aceitação de suas propostas, “mas elas não me escutam”.

Sua veemência e insistência na abordagem de algumas situações, me fez acreditar que ela se sentia ameaçada, que ela não estava segura no desempenho da função. Tive a impressão de que via em mim uma possibilidade de apoio para resolver os conflitos do grupo. Mantive-me imparcial, apenas incentivando-a a conversar com as demais; disse-lhe que é natural aparecerem situações conflituosas nos grupos e que a conversa calma e sincera é a melhor forma de encaminhar. Considerei importante frisar a ela que eu não poderia comentar com ninguém o que eu colhia nas entrevistas. As conversas se encerravam ao sair de cada uma das casas. E foi dessa forma que mantive minha postura de pesquisadora.

4.2.3.6 Uma presidente muito reticente

Vânia tem pouco mais de 50 anos, concluiu a 8ª série e é costureira, funcionária da empresa de confecção local. Casada há 15 anos, tem uma filha adolescente. De descendência italiana, morava em Garibaldi e o casamento a trouxe para Imigrante. Seu vínculo com o Clube de Mães tem 6 anos, sendo a atual líder.

Recebeu-me em sua casa com o chimarrão preparado, é muito receptiva. Conversamos sobre muitos assuntos: sua vida anterior ao casamento, sua vinda a Imigrante, seu trabalho na fábrica e o acúmulo de função com as tarefas de dona de casa. Já trabalhou em empresas diversas, antes do casamento: vinícola, frigorífico e outras.

Vânia conseguiu emprego logo que chegou a Imigrante, “porque já tinha experiência”. “A gente aprende muito em cada lugar que se trabalha.” Fala muito calmamente e com baixo tom de voz. É muito cuidadosa com as palavras e se expressa muito bem.

Com relação ao Clube de Mães, refere a sua não possibilidade de participação nas reuniões mensais com a Lenita, “porque é hora que eu estou na

fábrica.” Mas faz questão de frisar que acontecem reuniões “para combinar as coisas, só com nós”, diz referindo-se às sócias. Desses encontros ela, presidente, sempre participa porque acontecem em horário vespertino, não coincidente com o de trabalho.

Indago sobre as funções de uma líder no grupo de mulheres, quais as dificuldades? “O mais difícil é organizar o Chá”, afirma, referindo-se ao evento anual que o Clube promove e entendo, na continuidade da conversa, que a responsabilidade de programar as quantidades de lanches que fazem parte do que chamam de chá é tarefa complicada, “porque a gente convida e fixa o dia para as confirmações, mas muitos não dão retorno.” Então há necessidade de programar quantidades adicionais ao cálculo feito com base no número de confirmações, e “a gente não pode ter prejuízo”, conclui. Entendo que em havendo resultado negativo entre as despesas efetivadas para o chá e os créditos de venda de ingresso efetivo no dia do evento, há conflito certo no grupo e a culpa, provavelmente, será da presidente.

Referiu várias vezes seu gosto em participar das saídas para os eventos dos outros grupos. E ela, a presidente, é quem divide o grupo para participar dos chás, porque há sábados em que elas têm convite para participar de dois ou três eventos. Então, se agregam a outros grupos vizinhos, otimizando o transporte e possibilitando às sócias, a escolha do evento. “Com a mesma lotação, vai gente de mais grupos”.

Falou da beleza de conhecer outras pessoas e reencontrar amigas. “Há pouco tempo encontrei uma ex-colega de trabalho, que há 18 anos não via”, lembrou. Entendi que essa ex-colega residia na sua cidade-natal, Garibaldi, porque havia me falado de uma recente viagem do grupo para essa cidade e imaginei o tanto de vivências da juventude que deveriam ter relembrado durante o encontro.

Vânia disse que, às vezes, leva sua filha adolescente junto nesses eventos para conhecer outros lugares. E mais uma vez percebo que as saídas do grupo são uma forma de “sair da toca”, rompendo com a vida de casa-trabalho, trabalho-casa, rotina que se repete semana pós semana. Constato que, apesar de apresentarem boas condições de vida, trabalho, moradia, a família não tem carro, o que por certo

dificulta ter autonomia nos deslocamentos para sair, viajar. E as programações do grupo lhe oportunizam isso.

Em nenhum momento fez alusão a algum conflito de relação no grupo, nem menciona qualquer dificuldade na convivência com a vice-presidente, aspecto no qual percebo muito cuidado dela antes de falar. Afirmou que não faz nenhum dos trabalhos artesanais que são estimuladas a aprender, e justifica em função de trabalhar a semana inteira e não ter tempo. Mas aplica as receitas de novos pratos de culinária que o grupo lhe passa, e tem muito prazer nisso.

Adiante, sem qualquer indagação minha, disse não querer mais ser presidente: “no final do ano vou entregar o cargo”, o que justificou em função do pouco tempo que dispõe e por não poder participar das reuniões que acontecem nas tardes da segunda terça-feira de cada mês. Não consegui compreender se a forma reticente e cuidadosa de expressão é postura cotidiana, se é sua forma de ser, ou se apenas não teve confiança, não se sentiu segura comigo.

Deixou-me a impressão, contudo, de ser muito cuidadosa, zelar pela ética do grupo, de ser alguém que gosta de fazer as coisas, executar tarefas ligadas ao preparo de comidas e ambientes para os chás, por exemplo, mas que não gosta de discussão, não gosta de conflitos. É realmente estranho imaginá-la na liderança de um grupo, função para a qual não parece estar preparada.

4.2.3.7 Leituras e conversas sobre a vida

Gláucia, sexagenária, 4ª série, é aposentada há um ano e é também bisavó. Dos quatro netos, três já são adolescentes e a mais velha teve um casal de filhos, os quais passam dois ou três dias por semana na casa da bisavó. Falou de algumas mudanças que fez na sua casa para a segurança dos pequenos, que gostam de ficar ali, mas que são muito ativos. Reside com o marido e com seu filho caçula, o qual já tem mais de 30 anos e trabalha na indústria química local.

Relatou que já participava de grupo de mulheres à época em que o território local pertencia a Garibáldi (Imigrante teve sua emancipação política em 1988). O grupo se chamava Flor de Maio, reunia mulheres do então distrito de Daltro Filho. Fala com carinho e saudades da então coordenadora, profissional ligada à EMATER de Garibáldi, com quem aprendeu muitas coisas. “Nunca vou esquecer das cuquinhas-caracol que fizemos para uma grande festa do Seminário”, refere ela, lembrando uma festa comunitária em que uma novidade gastronômica preparada pelo seu grupo fez grande sucesso.

Mudando a expressão fisionômica, disse que as intrigas internas causaram a extinção do grupo e que ela, há 8 anos, entrou no *Blumenstrauss*. “Aprender novas receitas, chás, pomadas”, cita ela, como exemplos de atividades importantes do grupo. “Os folhetos informativos, as leituras e conversas sobre assuntos da vida real, isso é muito importante”, afirmou.

Gláucia sempre gostou de atividades de grupo, por muitos anos foi representante das mulheres nas atividades do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Lembrou de muitos encontros regionais de que participou, onde se encontravam representantes de vários municípios. “De manhã aconteciam palestras e sempre tinha um intervalo para o almoço. A gente almoçava e logo se juntava em grupos para conversar e contar piadas”, referiu com expressão de muita satisfação. “Conheci histórias de mulheres que ficaram para a vida. Algumas nunca mais encontrei, mas sempre me lembro delas.” Mantém vínculos com pessoas que conheceu nesse período, cuja amizade se estendeu às famílias, envolvendo seu marido e filho. Juntos, recebem e retribuem visitas, promovendo e participando de almoços e jantares em dias de aniversários e outras comemorações de família.

Falou também do período de 15 anos que trabalhou como funcionária pública em escola do Município, quando se apegou muito a muitas crianças que foram passando pela escola e com quem trocava abraços, sempre que elogiavam o lanche que ela preparava. Relatou que recebia de algumas mães a incumbência de “ficar de olho” em seus filhos em ocasiões em que estavam adoentados. “Se eles brincavam normalmente e comiam a merenda escolar, era sinal de que estava tudo bem e assim eu tranquilizava as mães”.

“Com a aposentadoria, tenho mais tempo para curtir a casa” - e apontou a recente aquisição: armários novos para a cozinha – “e das minhas flores” - mostrou entusiasmada várias roseiras repletas de botões desabrochando e outras espécies de flores que exigem tempo para cuidar, coisa de que agora dispõe. Seu cabelo revela pintura recente, e reparo as unhas pintadas, sinais de cuidados consigo mesma, coisa que antes da aposentadoria tinha dificuldade de manter, segundo afirmou.

Com relação ao grupo *Blumenstrauss*, falou ainda das excursões de final de ano, ocasiões em que conheceu belos lugares. Mas disse estar um pouco afastada do grupo, pois tem se dedicado mais ao cuidado dos bisnetos. Perguntei se não lhe faz falta a convivência com as demais? Ela afirmou que sim. A integração e a troca de idéias fazem falta, mas que acha muito exagerada essa constante participação em eventos de sábado. “Está ficando muito igual, mesas muito fartas, muita variação de pratos, e para que tudo isso?” Inferre-se de sua fala, que não concorda com a quase obrigação de participação em tantos eventos, os quais considera muito repetitivos. “É muito viajar para sentar, tomar café e voltar”, afirmou.

Entendo, então, que os grupos têm uma espécie de acordo para trocas de visitas nesses eventos de sábados à tarde. A organização dos chás pressupõe venda de ingressos, e para garantir a presença de público, há o compromisso de participação. Se grupo A participou do evento do grupo B, este deve retribuir, adquirindo os ingressos antecipadamente. Como ouvi várias vezes: “um tem que ajudar o outro a sobreviver.”

4.2.3.8 “Faz bem ter outras conversas”

Vanira tem mais de 80 anos e estudou até o 4^o ano. Seu cotidiano se resume quase somente a sua casa e na maior parte do tempo, ao espaço da cozinha. Casada há 51 anos, reside no mesmo local desde então. E antes disso, residia a 3 quilômetros daí. A vida toda teve relação com as lidas da casa e da roça, na propriedade rural de pequeno porte, onde o “plantar de tudo um pouco” para dar conta do consumo da família da criação de animais: galinhas, porcos, gado leiteiro.

Em função de uma série de problemas de saúde, referiu especialmente sua dificuldade de locomoção, em função de desgaste ósseo. Muito eventualmente sai de sua residência; inclusive os valores mensais do benefício da aposentadoria são retirados pela filha, que assim como o filho, ambos com mais de 40 anos, moram na mesma casa.

Enfatizou que a alegria da vida está nas flores, atualmente mais cuidadas pela filha, e nos netos. “É uma pena que cresceram tão ligeiro”, afirma, em função de serem adolescentes.

Vanira emociona-se sempre que fala de familiares falecidos, especialmente da irmã mais velha, que também era como ela, foi fundadora do grupo *Blumenstrauss* e faleceu há quase 3 anos. “Tenho muitas saudades; às vezes escuto a risada dela.” Também referiu uma perda mais recente, de um sobrinho ao qual era muito apegada. “Sofreu tanto e morreu tão cedo” e lastimou: “a doença fulminante apareceu justamente quando ele tinha encontrado uma companheira dedicada e fiel”. Voz embargada, palavras entrecortadas e soluços revelaram a emoção de saudosas lembranças.

Afirmou gostar nos encontros do grupo: “cantar, conversar sobre assuntos bons, que não sejam os mesmos lamentos de sempre”, referindo-se ao marido de 84 anos, que “queixa-se de tudo e de todos”. Disse que ouvir as conversas dos outros sempre traz aprendizados e ver as colegas trabalhando (referiu-se aos trabalhos manuais que o grupo realiza) também é interessante. Alguns ela auxilia, outros ela não consegue, “porque não são só as pernas que estão fracas, os dedos não obedecem mais”, disse, referindo-se à necessária habilidade manual para alguns trabalhos, perdida em função de artrites; mas o que ela ainda pode fazer na cozinha, ela experimenta com prazer.

Ao falar do grupo, suas feições mudavam e sua voz era mais sonora, não deixando dúvidas sobre a importância que atribui a essa convivência. Mostrou-me trabalhos feitos com as próprias mãos e trabalhos da nora, que é muito habilidosa nas práticas artesanais com palhas e com linhas. “É impressionante, ela olha uma vez alguém fazendo e já aprende. Às vezes compra uma toalha só para aprender a

fazer aquele ponto de crochê, e não vai dormir antes que consegue.” Entendo que valoriza, que gosta desses trabalhos.

Muito cuidadosa com as coisas da casa, tem a preocupação de manter tudo limpo e as coisas no lugar, na organização interna da casa, cuja disciplina é perceptível, desde a rigorosa organização dos tapetes e trocas de calçados na entrada da casa: vários pares e de diferentes tamanhos alinhados junto à parede, demonstrando uma prática dos habitantes da casa. Ainda, guardanapos toalhas e cortinas muito organizadas e em combinações de barrados de crochê enfeitando móveis e espaços compõem os cuidados estéticos do ambiente doméstico.

Durante as poucas reuniões de grupo em que participou no período de minha convivência ali, Vanira esteve na maior parte do tempo calada, mas perceptivelmente atenta a tudo, demonstrando concordância e discordância na expressão fisionômica, conforme as discussões e proposições aconteciam. Quando inquirida sobre sua opinião, referia facilmente situações e experiências já vividas no grupo como parâmetro, por exemplo, de repetir uma visita a um lugar conhecido, fazer algo do jeito já feito antes, mas sempre lembrando experiências bem sucedidas.

Dadas as suas condições físicas, raramente participa dos encontros festivos de sábados. Não gosta também de muito barulho. Sua vida é basicamente restrita à sua casa e convida reiteradamente as colegas a fazerem reuniões na sua casa, porque “pra mim é sempre uma tarde diferente, com conversas que a gente lembra muitos dias depois”, afirma.

Sua camiseta do *Blumenstrauss*, talvez por usar mais raramente, talvez por ser muito bem cuidada, apresenta estado de roupa nova. Revela gostar da cor e das flores “porque cor-de-rosa sempre fica bonito para uma mulher, nem que ela já é velha como eu”, diz sorrindo.

4.2.3.9 “Gosto de gente alegre, porque a gente esquece os problemas”

Betina é viúva, tem idade próxima aos 80 anos, vive perto do filho, nora e netos, mas tem autonomia no espaço de sua residência, que é muito organizado. Mora na área urbana há 18 anos, antes disso, residia no interior do Município, onde a família se dedicava à agricultura.

É muito comunicativa com as pessoas e nos ambientes em que se sente a vontade, porém cala-se na presença de desconhecidos. Relatou que “o tempo na colônia era muito sofrido, porque se suava de manhã à noite! Quem cuida bichos não tem sábado nem domingo, eles querem comer”.

Gosta muito de cuidar da casa, manter a roupa limpa (cuida também da roupa da casa anexa, da família do filho), cultivar flores e hortaliças, cuja variedade e cuidados chamam a atenção no simples olhar. Também desperta a nossa atenção, o zelo que Betina tem com sua própria apresentação pessoal: cabelo sempre muito alinhado, roupas cuidadas, calçado combinando com a vestimenta, unhas rigorosamente limpas. Sempre a vi assim, arrumada.

Revelou saudades do tempo em que a “casa estava cheia”, lembrando os filhos todos casados e morando longe, à exceção de um. Gosta de receber a visita dos filhos e netos, dizendo que tem saudades dos que moram em outros Estados, cujas visitas são muito espaçadas. Relatou o longo período de doença do marido, falecido há aproximadamente 4 anos, a quem cuidou com desvelo e paciência, pois a senilidade o tornou inteiramente dependente. Mas, convive com a saudade do “nono” (expressão no dialeto italiano equivalente a avô), “porque estava sempre aqui, nesta cadeira”, afirmou.

Muito religiosa, considera importante a frequência semanal à missa, o que ela cumpre com relativa facilidade porque mora próximo à igreja. Em sua casa, crucifixo e imagens de santos têm lugar assegurado, assim como cultiva o hábito de rezar o terço antes de dormir. Domina a leitura com dificuldade, mas sempre leva os folhetos das missas para casa, porque “devagarinho, a gente sempre lê um pouco e o resto a gente lembra da missa.”

É alguém muito vibrante nas reuniões do Clube de Mães, grupo no qual se sente bem quase sempre. Indagada sobre por que nem sempre se sente bem, diz não gostar quando há conflitos. “E ultimamente sempre tem uma que puxa pra cá e outra que puxa pra lá”, referindo divergências claras entre as integrantes da diretoria.

“Era tão bom quando todo mundo se entendia e concordava com as coisas.” Prosseguiu, lembrando situações de alegria, de confraternização, de abraço, de trabalhos coletivos acontecidos sem conflito. “Gosto de gente alegre, que sorri e transmite coisas boas”, enfatizou.

As atividades do grupo que lhe são importantes se relacionam às orientações quanto à saúde, as práticas gastronômicas, aos trabalhos manuais, especialmente as de resgate de práticas antigas, como os trabalhos com palhas, “que antigamente se fazia de noite em casa, quando as crianças iam dormir”, relatou, lembrando a confecção de chapéus de palha para a família.

Também referiu a importância das conversas que acontecem naturalmente nos encontros, afirmando que é tão bom “aliviar a cabeça dos pensamentos e preocupações que a gente tem quando está sozinha”. E disse que a companhia das amigas e suas opiniões, lhe trazem esclarecimentos sobre notícias que a televisão veicula, as quais às vezes a preocupam em demasia por não ter compreendido seu conteúdo. “A gente aprende muito nas conversas”.

Demonstrações de alívio durante conversas, bem como, manifestações de presença de espírito e reações muito rápidas frente a algumas opiniões de colegas, foram presenciadas nos espaços de convivência com o grupo. Betina é extremamente espirituosa, ri de seus próprios erros e interpretações equivocadas, também facilmente opina sobre equívocos das colegas com as quais se permite uma relação mais espontânea. Tem a mania de tocar com a mão na perna da colega do lado quando acha graça de uma situação e se sente à vontade na expressão. Seguidamente, fala algumas expressões no dialeto italiano, o que dá cor especial a suas manifestações.

4.2.3.10 “Vivendo e aprendendo”

Fui recebida por Olga no pátio de sua casa no final de uma tarde muito quente; sentamos à sombra das árvores, sentindo uma brisa agradável e apreciando a paisagem urbana, pois ela mora numa encosta, em área limítrofe do rural e urbano de onde se tem uma interessante vista do casario.

Olga tem quase 60 anos, casada há 37 e aposentada há 4 anos. Durante toda a sua vida, ocupa-se com atividades ligadas à casa e à agricultura. Considera importante, apesar das dificuldades de saúde, “fazer uns trabalhinhos, cuidar de uma vaca.” Nasceu a 5 quilômetros do local onde passou a residir a partir do casamento; sua escolaridade é 4ª série.

Participa do Clube há 3 anos; anteriormente participava de um grupo de bolão, mas problemas de saúde que dificultam sua agilidade e movimentos a impediram de continuar. “E a gente tem que participar de alguma coisa”, afirmou, revelando ser esta uma questão óbvia. Assim, associou-se ao clube de mães e afirma que já aprendeu muitas coisas. Valoriza muito as práticas caseiras de fabricação: “já fizemos sabão, sabonetes e outros produtos de limpeza, tudo a gente usa em casa e é sem produtos químicos”, afirmou. Minha compreensão sobre o dito é que essa produção envolve mais componentes naturais do que os industrializados.

Referiu que essas práticas são ensinadas pela coordenadora Lenita, “que sabe muitas coisas e passa para a gente”. Lembrou de muitas novidades para variar o cardápio em casa, aprendidas no clube, muitas delas aproveitando cascas, talos, folhas de hortaliças que antes jogava fora. Aprendeu a fazer pães coloridos, bolos ricos em nutrientes, usando “o que para mim era lixo”. E prosseguiu “vivendo e aprendendo, não é verdade?” E assim apresenta novidades à mesa, quando recebe a visita de familiares, especialmente da neta que mora em outra cidade, porque está “fazendo curso numa faculdade do governo e fica com saudades das comidas da vó”, afirmou.

Sobre dificuldades na vida do grupo, Olga pensou e, cuidadosa, disse: “Pois é, acho que o mais difícil é lidar com a diferença de uma pessoa e outra.” E então mencionou conflitos vividos no último ano, com a dificuldade de diálogo entre a

presidente e a vice. “Com gente que sabe tudo e sempre tem razão, é difícil lidar”, disse ela, referindo-se a Maria. “Tudo sempre tem que ser como ela quer e não ouve ninguém.” Indagada sobre como vê a continuidade do grupo, ela afirmou: “A gente tem que fazer nova eleição”.

Olga também diz participar dos Chás de Clube de Mães, “mas está ficando demais; em alguns sábados, a gente tem que se dividir e participar de 2 ou 3 Chás”, refere ela, expondo a dificuldade do grupo para organizar-se e marcar presença nas promoções de grupos vizinhos, dado o pequeno número de integrantes. “A gente não pode estar na rua todos os sábados”, conclui.

4.2.3.11 “Eu tento me colocar no lugar delas”

Voltei a conversar com a coordenadora Lenita, agora para saber mais de si mesma: tem idade próxima aos 50 anos, é natural de uma cidade próxima, onde concluiu o ensino médio e após, prestou concurso para o cargo de extensionista social rural, na EMATER. Após períodos de estágios e de 8 anos de experiência no cargo, desenvolvidos em um município que reúne basicamente população descendente de imigrantes italianos, se estabeleceu em Imigrante. Há 21 anos mora no local, onde constituiu família, se adaptou aos costumes locais e participa intensamente da vida da comunidade.

Lembrou que, na sua juventude, participava de um grupo de jovens, o qual recebia atenção de um coordenador ligado à EMATER, o qual a incentivou a trabalhar na mesma empresa. Imagina que ele percebia nela características de liderança.

Perguntei-lhe por que o trabalho com clubes de mães. Ela disse que a empresa orienta o desenvolvimento do trabalho em forma de grupos, com foco no bem estar social. Que já trabalhou com os jovens rurais, mas que isso vem sendo mais difícil ultimamente, “pois poucos são os jovens que trabalham na agricultura.” Então voltou sua atenção às mulheres. “Tento levar a elas informações que eu

considero importante para a vida delas. Eu tento me colocar no lugar delas para entendê-las”.

Lenita, de fato, participa da vida dos grupos; mantém com eles um encontro mensal, mas nem sempre consegue, porque é chamada pela sua gerência regional para outras atividades, especialmente participação em cursos. Além das reuniões, marca presença nos Chás dos Clubes de Mães (eventos festivos de sábados à tarde) e, por morar na localidade, participa da vida da comunidade nos diversos segmentos: culturais, religiosos, esportivos, dentre outros.

A observação do comportamento de Lenita durante as reuniões trouxe à tona elementos muito interessantes, na minha percepção: é muito simples na forma de falar e se apresentar, escuta respeitosa e calmamente a opinião de cada integrante do grupo, incentiva constantemente à autonomia do grupo nos encaminhamentos, reforçando as ações da diretoria. É comum ouvir-se: “Vocês é que decidem.” Mantém-se imparcial nas discussões que envolvem posicionamentos e escolhas. “O que é bom para mim, pode não ser bom para vocês”, diz ela, esquivando-se de opinar.

Nos momentos, contudo, em que ela desenvolve um tema, que as integrantes chamam de palestra, olhos e ouvidos das integrantes voltam-se interessados para ela. E então Lenita assume um tom professoral, e se desdobra em explicações, sempre confirmando se todas entenderam. Enquanto explica, seu olhar passa o grupo todo, buscando validação no olhar de todas. O mesmo acontece quando orienta a produção de uma prática culinária, ou de uma infusão com plantas medicinais.

Lenita afirmou atribuir essa credibilidade que o grupo lhe confere aos laços de amizade desenvolvidos, que torna as mulheres receptivas aos ensinamentos. Disse ainda: “tenho que me sentir bem, à vontade, tranqüila; só assim consigo me comunicar bem com elas.”

O período de nossa aproximação e convivência com o grupo confirmou que, além de Lenita ser amiga, participar da vida cotidiana das mulheres, estas também têm confiança no que ela diz e ensina, porque vive aquilo que ensina. Os trabalhos

que ela pratica com o grupo já foram realizados anteriormente por ela. As receitas foram testadas em casa. Ela cultiva horta, jardim e pomar junto a sua residência, e sabe como lidar com cada planta.

Perguntei a que ela atribui o gosto das mulheres pela vida no grupo. Ela pensou um pouco e disse: "Não sei, acho que elas gostam porque assim saem da rotina diária, saem das suas casas." E falou do prazer de ensinar a elas o que ela sabe. Referiu a importância, em anos anteriores, quando os atendimentos da saúde pública no Município não eram tão constantes e abrangentes, dos preparos de chás, xaropes e pomadas à base de plantas medicinais.

É adepta a formas alternativas e mais naturais de cuidar da saúde e conseguiu disseminar muitos conhecimentos por meio das reuniões de clubes de mães. Lembrou de quantas constatações de hipertensão aconteceram, em anos anteriores, a partir da prática da medicação da pressão arterial de cada integrante dos grupos, nos encontros mensais. "Agora os profissionais da saúde do Município fazem isso, mas foi uma iniciativa importante nos clubes de mães, anos atrás."

Atualmente, continua a dedicar parte de seu tempo a ampliar conhecimentos em cursos que envolvem esses temas, mas tem aprendido e ensinado muito acerca de trabalhos manuais de artesanato e gastronomia, sem perder o foco da sustentabilidade ambiental, por isso, utilizando recursos naturais renováveis e visando ao reaproveitamento de outros, como os plásticos. "A gente vê cada coisa linda feita com lixo e as mulheres gostam de aprender a fazer sempre mais coisas. É muito bom ver que isso faz bem a elas", afirmou. "Deu tão certo o projeto de palhas de milho e palhas de trigo, que o próximo é com folhas de bananeira. E bom, porque é material que elas têm, não precisam comprar."

Participando de um encontro, em janeiro de 2010, que reuniu as líderes de todos os clubes de mães do Município e coordenado por Lenita, confirmei a forma democrática com que ela coordena o trabalho, desenvolvendo uma relação muito próxima com todos os grupos, não só com o *Blumenstrauss*, onde a observei algumas vezes.

Inicialmente recebeu de forma afetuosa as participantes “porque hoje vocês vieram à minha casa (referindo-se à sala de reuniões onde acontecia o encontro) e quero que vocês se sintam em casa, assim como eu me sinto bem na casa de vocês.” Após, coordenou uma brincadeira de integração muito simples, com muita troca de abraços e manifestações de alegria e espontaneidade das participantes. Em seguida, conjuntamente, as mulheres construíram sua pauta de discussões, a partir da fala de Lenita: “Vamos colocar para fora tudo o que nos incomoda, cada uma pensa nos problemas de seu grupo. Vamos conversar aqui, porque aqui todas têm a mesma responsabilidade.”

Não foi necessário repetir a pergunta “quem vai para o quadro escrever os itens da pauta?” Prontamente surgiu uma voluntária, que foi registrando as idéias que surgiram de todos os pontos da grande roda de cadeiras (ANEXO B). Presenciei discussões acirradas, posicionamentos diferentes entre as líderes, mas que terminavam em encaminhamentos a partir da vontade expressa da maioria.

E no item “planejamento de atividades para o ano”, sugestões de cursos e de novos projetos de trabalhos artesanais foram surgindo, dentre eles, o de uso de folhas de bananeira. Percebi que sobre esse projeto já havia entendimentos consensuados no grupo anteriormente.

5 COMPLEXA CONSTRUÇÃO ETNOGRÁFICA: Apreensões e interpretações do ouvido, visto, percebido e também vivido por mim no *Blumenstrauss*

Na constatação da rica diversidade da vida das mulheres que compõem o *Blumenstrauss*, me surpreendi com tantas semelhanças entre as que moram em área urbana e as oriundas de área rural. Bosi (1987) constatou que a mulher camponesa identificava-se como inferior à mulher urbana. Aparência pessoal, educação, poder de consumo e práticas culturais e morais corroboravam esse entendimento.

Neste trabalho, apesar de não ter abordado a questão diretamente, em nenhum momento percebi referência a isso como importante para elas e eu dificilmente as perceberia com características diferentes; fiz registro do local de residência, porque conheci suas casas. O contexto de vida de quem reside na área urbana e de quem reside na área rural é muito parecido: as mulheres que trabalham na indústria têm, junto a sua residência, mesmo que em área urbana, um terreno onde a família cultiva horta, jardim com árvores e flores e, na maioria das vezes, alguns animais de pequeno porte. As mulheres ligadas ao trabalho da agricultura e que residem em zona rural, mantém padrões de conforto, móveis, eletrodomésticos, carro, telefone e computador, entre outros itens, de forma similar às residências urbanas.

Silveira (2001), num estudo que envolveu as construções simbólicas de sujeitos do campo e da cidade, enfoca a uniformização da vida e costumes que os

meios de comunicação, especialmente a TV, vêm provocando. A questão também é abordada por Ianni, segundo quem, a experiência de contato na agricultura produz sujeitos diferenciados.

Os sujeitos sociais que experienciam o rural produzem a sua vida material com diversas atividades além da agricultura (inclusive serviços e indústrias reconhecidas como atividades da cidade). Suas vivências significantes cotidianas [...] expressam elementos culturais de relações com a natureza e a própria vida (Ianni, 1996, p.297).

Santos (2002) afirma que com a intensificação das dimensões econômicas e políticas globalizadas, as relações sociais tendem a pressionar as fronteiras dos antigos localismos da tradição, da linguagem e da ideologia gerando, assim, formas de relações sociais mais globalizadas. Veiga (2004) e Moreira (2005) também enfatizam a necessidade de compreender as identidades rurais contemporâneas a partir de processos de globalização, pouco restando da dualidade entre o rural e o urbano como pólos divergentes. É esta a situação que para mim se apresentou: uma mescla de urbano e rural no jeito de viver dessas mulheres.

Importante ainda lembrar que o Município de Imigrante se emancipou em 1988, constituindo-se de áreas territoriais antes pertencentes a outros dois Municípios (Estrela e Garibaldi) e que parte do que é hoje perímetro urbano de Imigrante, era até então área rural.

5.1 Laços étnicos e ritos religiosos cultivados na convivência

Os laços de família têm grande importância para essas mulheres. Filhos e netos são referências recorrentes nas conversas entre elas. Quem não vive próximo, na vizinhança, aguarda suas visitas. As preparações de pratos especiais, da preferência de um ou de outro são planejadas, e a aprendizagem de uma novidade gastronômica é festejada antecipadamente, prevendo a surpresa a ser feita a um familiar. O prazer em aprender nova técnica artesanal, não poucas vezes, tem relação com a idéia de presentear algum familiar.

Vivências de eventos coletivos de reunião da família são detalhadas nas conversas com as companheiras de grupo, enquanto um trabalho manual é

realizado. Lembranças de infância, ou de férias mais recentes; de eventos engraçados e inusitados ocorridos em excursões com a família. Lembranças de uma tarde de chuva em que houve o preparo e degustação de um alimento, assim como o planejamento de ensinar uma delícia culinária a um jovem integrante da família.

A religiosidade é um marco na vida das integrantes do grupo. Imagens de personagens bíblicos, símbolos e rituais do cristianismo estão presentes no seu cotidiano. Orações ecumênicas e diversos cantos religiosos, fazem parte dos rituais do grupo, nas reuniões que acontecem uma vez por mês, na segunda terça-feira à tarde. Canto ou oração integra o momento inicial da reunião e parece estabelecer sintonia entre as mulheres, sinalizando que a partir daí, a atenção deve se voltar à coordenadora (ANEXO C).

Essa prática, por certo, é também influenciada pela tradição, já que os imigrantes, assim que se estabeleciam em um local, davam conta de construir suas moradias e, em seguida, construíam um ambiente comunitário de oração. Essa afirmação encontra embasamento nos estudos de historiadores da colonização europeia na Região, a exemplo de Rockenback (2004), Azevedo (1982) e Faé (1975).

E constatamos ser comum, nos eventos que reúnem trabalhadores rurais, ou nos encontros de mulheres, a presença de um líder religioso para fazer a sensibilização, no início da programação. Constatamos essa prática até em partidas de futebol, em competições consideradas importantes para a comunidade. Entendo que, para essas pessoas, muito mais do que invocar a presença de Deus, orar de mãos dadas simboliza a junção de forças e de energias canalizadas para um objetivo comum.

5.2 Trabalho: valor comum fundamental

A importância do trabalho é outro valor da tradição cultural que é muito valorizado e preservado nessa comunidade, onde preponderam as raízes étnicas de descendência dos imigrantes alemães e italianos. E não percebemos qualquer

questionamento dessas mulheres acerca da quantidade de horas diárias dedicadas ao trabalho, nem tampouco da variedade de tarefas das quais dão conta. Em alguns momentos, sim, falavam de cansaço físico, quando “pernas ou braços não mais obedecem”, dada a exaustão causada pelo esforço físico.

No seu estudo acerca dos imigrantes alemães na região, Rockenback (2004) assim descreveu:

A mulher alemã é multifacetada: limpa a casa, costura, remenda, cuida da cozinha, do jardim, da horta e do pomar, ordenha a vaca, trata as galinhas e ajuda o marido no trabalho da lavoura. Tudo isso junto com a obrigação de educar os filhos (Rockenback, 2004, p.59).

A menção à tenacidade dos italianos para o trabalho também é citada por autores que se dedicaram ao estudo da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Azevedo enfatiza suas características de empreendedores, estabelecendo-se nas lavouras, indústria e comércio, e enfatiza:

[...] força é, assim, reconhecer na colonização italiana, entre nós, qualidades idênticas e equivalentes, na capacidade de adaptação e de esforço, na produção, na tenacidade, e na inteireza moral, às que distinguem a alemã (Azevedo, 1982, p.222).

Faé corrobora o entendimento da importância do trabalho como valor cultural dos imigrantes colonizadores em nosso Estado e, por conseguinte, de seus descendentes.

Enquanto os alemães haviam trazido uma experiência agrária, Os italianos, que vinham de uma região de economia diversificada, muitos deles sendo operários e artesãos, além de agricultores, muito concorreram para o êxito dessa colonização (Faé, 1975, p.17).

A estreita relação dessas mulheres com a terra foi uma interessante constatação. Nas suas falas, está implícito que os cuidados com jardim e cultivo de hortaliças para a necessidade da família são questões óbvias da responsabilidade das mulheres. E observei a produção de hortaliças e flores durante o ano todo, dado o cultivo de grande diversidade de espécies.

O fomento a essa prática é repassada nas famílias, especialmente das avós para os netos. “A inteireza da experiência feminina nos aponta para a atitude que deve ser coletivamente construída e desenvolvida, se quisermos viver uma era

ecológica em harmonia e em relação amorosa com todo o universo” (Boff, 2004, p.48).

Persiste a tradição do trabalho como valor fundamental na vida das famílias, com sobrecarga para as mulheres, que se dedicam às atividades da agricultura, ou a um trabalho vinculado à indústria, além dos cuidados da casa, filhos e marido. E o manuseio com a terra, é uma tradição de trabalho cultivada e preservada, numa convivência afetiva e harmoniosa, de uma geração a outra.

5.3 Novas aprendizagens e conversações: construções identitárias em processo

Fui surpreendida pela reincidência com que as mulheres referiam a importância de “aprender coisas novas”, “fazer coisas diferentes”, “ouvir outras conversas”. Se por um lado isso pode inferir que seus dias são muito iguais, rotineiros, por outro lado também entendo essas falas como manifestações de quem tem sede de novos conhecimentos, prazer em aprender novas práticas.

Brandão (2008) afirma:

“Não somos quem somos, seres humanos, porque somos “seres racionais”. Somos quem somos e somos até mesmo “racional”, porque somos seres aprendentes. [...] dependemos inteiramente dos outros e de nossas interações afetivas e significativas com eles para aprendermos até mesmo a sermos... pessoas (Brandão, 2008, p.29).

Santos (1987) contribui na defesa da valorização de práticas e saberes cotidianos. “[...] o conhecimento do senso comum, o conhecimento vulgar e prático com que no cotidiano orientamos as nossas acções e damos sentido à nossa vida” (Santos, 1987, p.57). E prossegue:

O senso comum é prático e pragmático; reproduz-se colado às trajetórias e às experiências de vida de um dado grupo social e nessa correspondência se afirma fiável e securizante. [...] é indisciplinar e imetódico; não resulta de uma prática especificamente orientada para o produzir; reproduz-se espontaneamente no suceder cotidiano da vida (Santos, 1987, p.56).

Muitas aprendizagens acontecem espontaneamente no grupo. A curiosidade de uma em buscar um novo ponto de crochê, a partir da visão de material exposto

em uma mostra de trabalhos, resulta na socialização do aprendizado com outras (ANEXOS D e E). A degustação de uma novidade gastronômica num evento em outra cidade, mesmo que experimentada por apenas uma, oportuniza novas experiências culinárias para o grupo.

Algumas mulheres entrevistadas reportaram seguidamente situações de tristezas, solidão, perdas e angústias. Ao par da constatação que essas mulheres realmente sofreram perdas de pessoas queridas, com quem mantinham laços afetivos muito fortes, percebi também serem pessoas com dificuldade para elaborar sofrimentos e disporem, na família, de poucos ouvintes para suas queixas.

Capra refere o sofrimento humano existencial

[...] quando nos apegamos a formas e categorias fixas criadas pela mente, em vez de aceitar a natureza impermanente e transitória de todas as coisas. [...] Tentamos nos apegar às nossas rígidas categorias em vez de compreender a fluidez da vida, estamos fadados a experimentar frustração após frustração (Capra, 2006, p.229).

Também me surpreendi com a faixa etária das mulheres integrantes do grupo: a mais jovem tem 46 e a mais idosa, 84 anos. Durante as nossas conversas, foram recorrentes as falas relacionadas ao avanço da idade, problemas de saúde, falta de força e agilidade, entre outras. Maia (2008) aponta que há, no imaginário social, uma representação negativa acerca do envelhecimento. Contudo, o processo não é homogêneo: histórias de vida, a classe, gênero, etnia, educação, condições econômicas e de saúde influenciam o envelhecer.

Sobre o tema, Laranjeira (2007) afirma que traumatismos de todos os tipos podem advir com o avançar da idade, os falecimentos (do cônjuge, de familiares, de amigos) tornam-se cada vez mais frequentes. A perda da utilidade social e a doença podem ocasionar perturbações graves na saúde nos idosos (Laranjeira, 2007, p.337). E continua o autor, referindo o que chama de “tríade da força psicológica de resiliência do idoso” a essa representação negativa: fatores individuais, familiares e de suporte (configurando uma rede de apoio).

A participação na vida do grupo, segundo meu entendimento, associada ao trabalho da saúde pública do Município, configura importante apoio para as

mulheres que, a partir do período da Menopausa, enfrentam uma configuração de fragilidade de saúde física e emocional. As práticas artesanais, as conversas e aconselhamentos, a troca afetiva, as orientações de cuidados com a higiene pessoal, o ritual de arrumar-se para sair de casa e participar de eventos, tem forte influência sobre sua autoestima. Confiantes, compreendidas e apoiadas, desenvolvem sua resiliência para o enfrentamento das situações difíceis que a vida lhes apresenta.

Retomamos aqui a afirmação de Bourdieu (1998, p.67): “Os lucros que o pertencimento a um grupo proporciona estão na base da solidariedade que os torna possível.” São múltiplas as práticas solidárias vivenciadas no grupo. A mais constante certamente é a prática do diálogo. Já fizemos referência à Maturana (2006), na sua enfática referência à linguagem como o ponto crucial que torna o *Homo Sapiens* diferente dos demais. A prática da linguagem, segundo ele, é o que nos caracteriza como humanos.

Sennet (2009, p.15) cita *A Condição Humana*, de Arendt: “A fala e a ação [...] são os modos com os seres humanos se mostram uns aos outros, não, na verdade, como objetos físicos, mas *qua* homens.” Por meio das conversas, as mulheres organizam seus pensamentos e emoções, se situam e se posicionam, exprimem dores, dúvidas, necessidades, constroem regras de convivência e estabelecem trocas afetivas, elaborando suas crises.

Abraços, muitos abraços são presenciados nos encontros. Brincadeiras e rituais de acolhimento e despedida, no início e no final das reuniões, não prescindem de abraços. Encontros dessas integrantes em outros ambientes em que convivem na comunidade: nas reuniões na escola dos filhos ou netos, na igreja, nos eventos públicos em geral, é comum ver-se troca afetiva de abraços entre as mulheres pertencentes aos clubes de mães.

A solidariedade também se estabelece na socialização de saberes e práticas, quando há constante alternância entre mestres e aprendizes, já que nem todas possuem as mesmas habilidades, mas fazem trocas permanentes em suas aprendizagens.

Ações solidárias acontecem no grupo, inclusive em doações de recursos materiais, seja de recursos financeiros de seu caixa, fruto de contribuições mensais, ou de campanhas específicas. Foram beneficiados, conforme registrado em atas de reunião, integrantes do grupo e outras pessoas da localidade em situações de dificuldade financeira decorrente de problemas de saúde na família.

5.4 Conflitos: dificuldades na convivência e oportunidades de avanços

Capra (2006) aponta semelhanças e diferenças verificadas nas comunidades humanas, quando comparadas a outros grupos. “Nos ecossistemas não existe autopercepção, nem linguagem, nem consciência e nem cultura; portanto neles não há justiça nem democracia; mas também não há cobiça nem desonestidade” (Capra, 2006, p.231). O perigo do colapso de uma espécie está relacionado à falta de equilíbrio de forças ou do uso desequilibrado dos recursos, o que acontece sem a mediação da consciência, da cultura ou da linguagem. Há somente uma disputa de forças.

O autor prossegue na comparação dos diversos ecossistemas com as comunidades humanas, apontando a importância de nestas haver a consecução de parcerias, que levem ao crescimento, à evolução dos parceiros. A consciência das ações, a percepção acerca do contexto, a construção de propostas parceiras desenvolvidas pela linguagem são recursos de fomento dessas iniciativas. Todavia, aponta que é natural surgirem situações de tensão, que denotam a falta de flexibilidade entre os elementos do grupo. E afirma:

A tensão temporária é um aspecto essencial da vida, mas tensão prolongada é nociva e destrutiva para o sistema. [...] as contradições no âmbito de uma comunidade são sinais de sua diversidade e de sua vitalidade e, desse modo, contribui para a viabilidade do sistema (Capra, 2006, p.235).

A análise das falas e a observação das manifestações em linguagem não-verbal (mudanças fisionômicas, troca de olhares, movimentos dos ombros, mãos e pernas - sinalizando irritação ou discordância com o que era proposto), demonstraram dificuldades de algumas integrantes lidarem com opiniões diferentes

da sua. A entrevista com Maria, por exemplo, foi crucial para esse entendimento. Em muitos momentos, ela demonstrou concepções bem diversas da maioria das colegas, situações confirmadas em manifestações de outras entrevistadas, acerca dela.

O entendimento sobre a função de uma líder de grupo é um exemplo do que referi. Na concepção de Maria, ela pode e deve decidir o que, como e quando fazer encaminhamentos pelo grupo, sem discussão, apenas ela decidindo. E considera-se autorizada a fazê-lo, como líder eleita. É o que ela fez com relação à data do Chá anual do *Blumenstrauss*: decidiu, fez constar no calendário de eventos do Município de 2010 e comunicou isso às colegas, fato que gerou conflito no grupo.

Em reuniões ocorridas com as líderes dos vários grupos de mães existentes no Município, percebi que as líderes de outros grupos têm postura parecida entre si, mas diferentes de Maria. Ouvei muitas vezes, frente a propostas de cursos, campanhas, e outros: "isso nós temos que conversar no grupo", "não posso decidir por meu grupo", "preciso ouvir as opiniões, não posso assumir sozinha."

Estou convicta que os conflitos, as encruzilhadas no caminho do grupo, apresentam oportunidades de aprendizado importantes na afirmação individual das participantes, porque é no ambiente público que as identidades, de fato, se constituem. É na alteridade que o ser humano se afirma como único. E é a riqueza das diferenças que constituem um grupo de maior conteúdo, maior riqueza, mais discussão e experiência.

Minha imersão na vida do grupo *Blumenstrauss*, contudo, mostrou ser este um aspecto que merece atenção da coordenação geral, pois representa um perigo para a sobrevivência do grupo. As integrantes não têm clareza que as diferenças podem representar riqueza, que as contradições são sinais de diversidade e vitalidade, como afirma Capra (2006).

Lembrando Pérez (2008) agir é ressignificar a partir de uma perspectiva singular da realidade e pequenas ações cotidianas revelam particularidades de cada sujeito. A ação de cada um, nas suas diferenças, deve sempre ser incentivada, porque é pelo agir que atribuímos sentido e desenvolvemos a relação de

pertencimento a determinado território. Nos construímos e contribuímos na construção dos outros pelas experiências vividas no espaço de interação.

Considero importante referir uma situação: concluído o trabalho de campo (ou conforme Geertz (1989), concluído o estudo *na aldeia*), fui informada por Olga que acontecera nova eleição para a diretoria do grupo. Na reunião, Vânia comunicara sua impossibilidade de continuar na presidência, alegando a não disponibilidade de tempo para participar das reuniões. Maria, então, insistira em permanecer na liderança, assumindo o cargo de presidente. “Aí ficou aquele clima”, disse ela. “Eu cuidei muito para não me manifestar, porque sempre sobra uma faísca, sabe!” Segundo ela, Marta enfrentou a situação e sugeriu que a proposta fosse votada, o que o grupo aceitou. A votação confirmou por nove votos a um, a necessidade de nova eleição. E essa, confirmou os nomes de Carla e Marta para presidente e vice-presidente, respectivamente. “Agora o grupo vai funcionar de novo”, afirmou Olga.

Refiro essa situação, pois considero-a de muita importância para o grupo. Pode isso representar um avanço significativo na continuidade dos trabalhos, diminuindo tensões e multiplicando as potencialidades de ação coletiva. Sem dúvida, vai depender da postura das novas líderes nos encaminhamentos futuros, das conversas e das costuras que aí se estabelecerem.

5.5 Pertencimento: laços herdados e construídos fazem diferença

A existência de uma rede de relações não é um dado natural, nem mesmo um dado social, constituído de uma vez e para sempre por um ato social de instituição [...] mas o produto do trabalho de instauração e de manutenção que é necessário para produzir e reproduzir relações duráveis e úteis, aptos a proporcionar lucros materiais ou simbólicos (Bourdieu, 1998, p.68).

Constatei a existência de sentimento de pertença muito forte dos sujeitos investigados, na relação entre si, como constituintes do grupo, intitulado clube de mães. A definição em conjunto, acerca do nome do grupo e do símbolo que o caracteriza, uma camiseta com a inscrição “Clube de Mães *Blumenstrauss*”, ao lado da imagem de um ramalhete de flores, sinaliza essa percepção.

A forma segura com que essas mulheres se apresentam em eventos de integração de grupos, ou em encontros regionais de capacitação direcionados aos trabalhadores rurais, geralmente ligados à EMATER ou associações sindicais voltadas à agricultura, me impressionou. Elas dizem seu nome, seguido da qualificação, “do clube de mães *Blumenstrauss*, de Daltro Filho, Imigrante”. Percebemos essa forma de apresentação também entre integrantes de outros clubes de mães existentes no Município.

Alguns eventos não são específicos para mulheres, nem para clubes de mães. Nessas ocasiões, seria natural que se apresentassem pelo seu nome e referissem sua localidade de origem. Todavia, é usual se apresentarem pelo nome, com o complemento “do Clube de Mães *Blumenstrauss*, de Imigrante”. É inegável que a referência ao grupo lhes confere segurança, afirmam-se como parte de algo maior, onde se asseguram, onde se ancoram, onde construíram referenciais. E a partir daí, se pronunciam de forma mais segura e autônoma. O grupo as identifica e as encoraja, inclusive, para assumir tarefas, como a exposição, em ambiente público, de uma experiência vivida em grupo, ou de um projeto desenvolvido no seu clube.

Presenciei momentos de socialização de experiências gastronômicas com utilização de cascas, talos e folhas de vegetais, num evento municipal voltado à Semana da Alimentação, em outubro de 2009, que me impressionou: mulheres com quem já tinha tido vários contatos, nos quais sempre as via quietas, inseguras, com pouca expressão, repentinamente se apresentavam com um prato na mão e explicavam ao microfone, a forma de preparo e a riqueza nutricional daquele produto, cujo aprendizado se dera no clube de mães (ANEXOS F e G). Lembrei da similaridade da situação com atores quando encarnam um personagem. O contexto, o enredo, os colegas de profissão os encorajam para uma vivência de personagem com características muito diversas das suas.

Leff aponta que “[...] o local é o espaço onde emergem as sinergias positivas da racionalidade ambiental. [...] é o espaço onde se articulam identidades culturais e potencialidades ecológicas” (Leff, 2001, p.340). Apesar da dificuldade de efetivarem-se práticas ambientalmente sustentáveis após milhares de anos de exploração dos

recursos naturais, o que vem se agravando a cada dia em nossa cultura consumista, também constatei que o grupo aceita e valida novas aprendizagens voltadas à preservação e utilização consciente dos recursos naturais.

“O cuidado [...] é a ética de um planeta sustentável” (Boff, 1999, p.135). Cuidados com a água, aproveitamento de recursos naturais antes considerados restos, ou lixo, como cascas, folhas, palhas, bem como reaproveitamento de sacolas e garrafas plásticas, são exemplos de ações conscientes de quem está consciente da finitude dos recursos naturais, por isso, a racionalidade de sua exploração.

Contudo, permanece a prática do uso de herbicidas e inseticidas nas lavouras; nesse aspecto apenas constatei que são desenvolvidos alguns cuidados com a saúde do trabalhador: são utilizados EPIs – Equipamentos de Proteção Individual quando da aplicação dos produtos. A fala das mulheres, em situações de encontros informais na vida da comunidade, referiu essa prática, agora com medidas de prevenção ao aplicador.

Entendo, a partir disso, que a convivência do grupo, as informações socializadas, também com relação às questões ambientais, têm reflexo em ações cotidianas da gerência das mulheres, mais conscientes e menos predatórias ao ambiente. No universo de domínio masculino, todavia, a influência de seus aprendizados é menos perceptível; as novas informações não têm força para provocar mudanças substantivas, mas vão sinalizando algumas alterações, como cuidados com a própria saúde.

As mulheres que efetivamente participam dos encontros do grupo, tecem laços de cooperação cada vez mais intensos, desenvolvem a teia de pertencimento e ancorados no grupo, permitem-se agir mais espontaneamente. Essa questão é abordada por Vale (2007), quando afirma que capital relacional necessita de manutenção: o indivíduo precisa investir tempo para cultivar relações, do contrário, as relações perdem eficiência. No Clube de Mães *Blumenstraus*s acontece interação dinâmica e sempre renovada de sentimentos, percepções e significados; os atributos individuais influenciam o grupo e a sinergia que dali brota, fortalece os participantes.

6 CONCLUSÃO

A apreensão das construções subjetivas das mulheres acerca de si mesmas, do significado de sua participação na rede social clube de mães; a compreensão de suas inseguranças; a descoberta de suas referências para os desafios do dia-a-dia na vida familiar, no trabalho, enfim, no contexto social inspiraram este trabalho de pesquisa participante com viés antropológico.

A partir das primeiras aproximações de convivência e das observações de seu comportamento em diferentes momentos e espaços, percebemos claramente diferentes identidades se manifestando. E, paralelamente a isso, nos rituais comuns de encontros, por exemplo, a linguagem utilizada nas conversações, os comportamentos frente às situações, entre outros aspectos, demonstraram aspectos culturais comuns servindo de referência ou de ancoragem, conforme referido por Santos (2000) para as construções e adaptações de significado das mulheres pesquisadas.

Os resultados se assemelham ao que Berto (2004) e Deere (2002) constataram nos seus trabalhos que afirmam a importância da atuação das mulheres em grupos de base de mulheres, com vistas à promoção de justiça social. Com organização e liderança, as mulheres têm feito diferença no que concerne ao resgate da arte e da cultura, da educação alternativa, da auto-estima e, por tudo isso, da cidadania. Recente estudo etnográfico de Plastino (2006) sobre dança de salão no Rio de Janeiro, apontou interessantes construções e reconstruções identitárias de sujeitos idosos, homens e mulheres, a partir da interação pela dança.

No espaço local, no ambiente conhecido, com a trama da confiança que promove a liberdade de expressão, as identidades se manifestam mais claramente. É perceptível que o autorizar-se a ser, o permitir-se agir, o manifestar-se acerca da vida e dos projetos do grupo acontecem a partir do momento em que a pessoa se autopercebe pertencente ao grupo e por ele se sente credenciada.

Bauman chama de mundo líquido essa fluidez de conhecimentos, valores, pressupostos, verdades. A dinamicidade das coisas, a improbabilidade dos dias, a constante incerteza e medo, características dos tempos modernos, ocasionam a fragmentação do ser, que convive diariamente com múltiplas angústias e medos.

As pessoas, nesse contexto, se constroem de forma cada vez mais multifacetadas. Assumem identidades diferenciadas em situações de vida diferentes, buscando se afirmar, o que Hall (2004) define como “crise de identidade”. Não é incomum na vida familiar a pessoa agir de forma aberta, expansiva, extrovertida e ser autoritária, e profissionalmente, como funcionária de uma empresa, ser fechada, introvertida e submissa. Também o inverso pode acontecer, e muitas outras variações são possíveis. E nem por isso, trata-se de identidades contraditórias, como era nossa percepção inicial. Somos seres multifacetados, nos adaptamos às múltiplas situações que a vida moderna nos oferece.

Dentro do espaço investigado, percebi que há uma identificação muito interessante entre as mulheres: fortes laços de família; intensa relação de cuidado com a terra, com os animais e com as plantas; valores culturais preservados desde os colonizadores do local (presentes no cotidiano e nem sempre percebidos, situação já apontada por Cuche em seus estudos); atribuição de relevante importância à educação e a socializar novas aprendizagens, experiências, afetos. Os sentimentos relacionados à experiência da maternidade servem de pano de fundo para as costuras que amenizam conflitos e oportunizam entendimentos. É o que Boff (1999) chama de inteireza da experiência feminina, já referida anteriormente, quando abordamos a ligação dessas mulheres com a terra.

A necessidade de conversar e produzir, por isso, a importância dos trabalhos artesanais, é aspecto preponderante no significado da existência do grupo. Sennett

(2009), retomando a obra de Arendt, nos auxilia nesse entendimento: “[...] as pessoas que trabalham juntas certamente conversam a respeito do que estão fazendo. [...] o pensamento e o sentimento estão contidos no processo de fazer” (Sennet, 2009, p.17). E esses rituais cotidianos estabelecem a coesão social entre as pessoas.

Acredito, sim, que as pessoas são capazes de sentir plenamente e pensar profundamente o que estão fazendo quando o fazem bem. O trabalho manual artesanal não prescinde do pensar criativo, do ousar fazer e muitas vezes, desfazer; esse processo envolve emoção e razão; a construção da obra é também a construção do ser, ou sua reconstrução. A alternância da ação e da pausa para avaliar, replanejar, refazer proporciona o desenvolvimento de habilidades manuais, emocionais e de raciocínio.

As mulheres constroem a si mesmas, elaboram seus pensamentos e sentimentos, enquanto conversam e realizam com cuidado e paciência, ponto após ponto, dobra após dobra ou nos retoques de pintura e de colagens de suas obras artesanais, nas quais também incluímos as fabricações culinárias e de infusões e pomadas com plantas medicinais. Elas se afirmam capazes, úteis, importantes na sua condição humana, por meio de suas criações, por isso sua sede por novos conhecimentos, sua abertura para novas práticas. E a percepção ser capaz de fazer oportuniza melhoria nas relações de grupo.

À medida que se ampliam as habilidades criativas dessas mulheres, o que se observa na evolução dos trabalhos, onde não há apenas a repetição de técnicas construtivas, mas surge a ousadia de uma pitada de gosto pessoal, constamos o surgimento de uma “identidade autoral” nas fabricações. A partir de mesmas práticas, de mesmos materiais, de mesmas receitas, vão surgindo diferentes construções e elas identificam “esse ponto de crochê é da Carla”, “essa caixinha é da Marta”.

A literatura referente à vida moderna e globalização me auxiliou no entendimento das incertezas e inseguranças da vida atual. Compreendi as recorrentes referências das mulheres à importância dos encontros para conversar,

amenizar suas angústias e ampliar entendimentos acerca, inclusive, dos problemas que seu estágio de vida apresenta (mulheres com idade entre 46 e 84 anos de idade, parte delas com dificuldades no seu processo de envelhecimento, porque precisam manter-se produtivas para sentirem-se valorizadas).

Nós nos humanizamos a partir da linguagem e da vida em grupo, nos afirmamos em nossa identidade, justamente no convívio com os demais, que nunca são iguais, mas a quem precisamos acolher e com quem queremos contribuir.

Eu quero uma mudança cultural, eu quero contribuir para um trabalho de arte no domínio da experiência humana, eu quero contribuir para evocar um modo de coexistência no qual o amor, o respeito mútuo, a honestidade e a responsabilidade social surjam espontaneamente do viver a cada instante esta configuração do emocionar [...] (Maturana, 2006, p.199).

Desejo que a contribuição deste trabalho seja no sentido de estimular cada vez mais estudos voltados às ações cotidianas, de pessoas e grupos que muitas vezes anonimamente contribuem para a qualidade de vida planetária, a partir de seu espaço local. A qualificação das relações humanas é ponto crucial nos projetos de desenvolvimento de uma comunidade ou região. E o entendimento das percepções e significações das pessoas, nas suas ações cotidianas, é ponto de partida para a construção de projetos coletivos.

Bandeira (1999), Putnam (1996) e Boisier (1992 e 2005) enfatizam a tese do desenvolvimento de um território como resultado de capital social historicamente construído, democraticamente planejado e mantido pela percepção comum de forte sentimento de pertinência entre seus habitantes “apesar das diferenças e divergências que possam ter, também têm fortes afinidades e muitos interesses em comum” (Bandeira, 1999, p.29). E nesse aspecto, certamente o grupo tem muito a avançar, porque há sim, relações conflituosas prolongadas, que representam tensões nocivas ao sistema (Capra, 2006).

Destaco, for fim, a degustação de prazer vivenciado na construção deste trabalho etnográfico, nesta pesquisa participante na perspectiva da Antropologia. Foram importantes as constatações acerca do cotidiano das mulheres; resultaram em profundas reflexões e em desafiadoras leituras com vistas à compreensão de complexos processos de relações, sentimentos, representações e significados.

Muito mais do que compreender as motivações do cotidiano dessas mulheres, à medida que este trabalho tomava corpo, aconteceu um significativo processo de construção pessoal, confirmando apontamentos de pesquisadores etnográficos citados neste trabalho. A construção identitária é um processo que se dá de dentro para fora e de fora para dentro, ou seja, é um processo auto e hetero construído, influenciado pelas nossas subjetividades e pelas condições do nosso entorno.

O que de melhor aconteceu comigo durante os dois anos de participação no PPGAD da Univates e que permanece ao final desta caminhada, é a percepção de avanço na própria humanização, o sentimento de minha qualificação como gente, não só por saber um pouco mais, mas por ter compreendido um pouco mais sobre a natureza humana e sobre o tênue fio que tece a teia das relações humanas, sempre passível de rompimentos e também de reconstruções.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Prismas crítica cultural e Identidade**. São Paulo: Ática, 2001.
- AHLERT, M. **Mulheres de Monte Verde**: Etnografia, subalternidade e política na relação de um grupo popular de Porto Alegre e o Programa Fome Zero. UFSC, Florianópolis, SC, 2008.
- APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da Ciência**: Filosofia e prática de Pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.
- ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- AZEVEDO, T. **Italianos e Gaúchos: os anos pioneiros da colonização Italiana no Rio Grande do Sul**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Cátedra, Brasília: INL, 1982.
- BANDEIRA, P. **Participação, articulação de atores sociais e desenvolvimento regional**. Brasília: IPEA, 1999.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- _____. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. **Medo e Confiança na Cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BECKER, H. S. **Problems of inference and proof in participant Observation**. American Sociological Review, 23, dez.1958.
- BERTO, V. F. **Amélia é quem era mulher de verdade?** – Um estudo acerca das relações de gênero, representações e violência simbólica no cotidiano das comunidades de bairro de Marília – SP (1980-2004). Unesp/Marília, SP.
- BETTO, F. **A mosca azul**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- BOFF, L. **Saber Cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres.** Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BOISIER, S. **El difícil arte de hacer Región.** Centro de Estudios Regionales Andinos, Cusco, Peru, 1992.

_____. Hay espacio para el desarrollo local in globalizacion? 2005.

BORDIEU, P. **Escritos de Educação.** Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda., 1998.

_____. **A Distinção: Crítica Social do Julgamento.** Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOSI, A. **Cultura como Tradição.** In: Bornheim, G. et al. Cultura Brasileira: Tradição/Contradição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Funarte, 1987.

BRANDÃO, C.R. **Viver de Criar Cultura, Cultura Popular, Arte e Educação.** In: Cultura Popular e Educação. Salto para o Futuro. TV Escola. SEED/MEC. Brasília, 2008.

Brasil. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais.** Meio Ambiente e Saúde. Ministério da Educação, 1997.

BRIGGS, J; PEAT, D. **A Sabedoria do Caos: Sete Lições que vão mudar a sua Vida.** Rio de Janeiro: Campus, 2000.

BUFFON, M. **A tributação como instrumento de densificação do princípio da dignidade da pessoa humana.** Tese de Doutorado em Direito. Unisinos, 2007.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, I. C. M. **A invenção do sujeito ecológico: identidade e Subjetividade na Formação de Educadores Ambientais.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

CARVALHO, J. M. **Cidadania no Brasil: O longo caminho.** Rio de Janeiro, RJ. Civilização Brasileira, 2004.

CASANOVA, P. G. **As novas ciências e as humanidades – da academia à política.** Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2006.

CASTRO, L. R. **Aventura urbana.** RJ: 7 Letras Rio de Janeiro, 2004.

CONSTANTINO, N. S. **Italiano na Cidade: a imigração itálica nas cidades brasileiras.** Passo Fundo-RS: UPF Editora, 2000.

CORREA, S. M. S.; BUBLITZ, J. **Uma Introdução: eco-história da colonização do Rio Grande do Sul.** UPF/UNISC, 2000.

COZINHEIRO, S.; VIEIRA, R. **A entrevista biográfica na (re)construção de cinco histórias de ser e se tornar idoso(a).** AGIR – Associação para a Investigação e Desenvolvimento Sócio-Cultural, julho, 2007.

- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2ª ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- DEAN, W. **A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica**.
- DEERE, C. D. **O empoderamento da mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- DIAMOND, J. **Colapso: como as sociedades escolhem fracasso ou sucesso**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- DOMINGUES, J. M. **Instituições formais, cidadania e solidariedade complexa**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 66, São Paulo, 2006.
- FAÉ, W. J. **Italianos no Rio Grande do Sul: 1875 – 1975**. Americana – SP, 1975.
- FASSINI, E. **Encontros e trabalhos artesanais das mulheres**. 2009- 2010. 6 fotografias.
- FEYNMANN, R. **Deve ser Brincadeira, sr. Feynmann!** SP: Martins Fontes, 1999.
- FINO, C. N. **A Etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais**. Universidade da Madeira, 2007.
- FIORI, A. **A percepção ambiental como instrumento de apoio de programas de educação ambiental da estação ecológica de Jataí**. São Carlos, SP, 2006.
- FRANCO, A. **Capital Social**. Instituto de Política, Millennium, Brasília, 2004.
- FURTADO, C. **A nova dependência**. Paz e Terra, 1982.
- GADAMER, H. J. **Verdade e método**. Petrópolis, Vozes, 1998.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. RJ: Guanabara Koogan, 1989.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.
- GRUN, M. **Ética e educação ambiental**. A Conexão Necessária. Papirus, 2004.
- _____. **Em busca da dimensão ética da educação ambiental**. Papirus, 2004.
- GIDDENS, A. **Para além da esquerda e da direita**. O futuro da política radical. Trad.: São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- _____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- GUIMARÃES, L. B. **O educativo ambiental: construído sob o binarismo natureza/cultura nos limiares do terceiro milênio**. In: NOAL, F. O. et al. (Org) Educação Ambiental e cidadania: cenários brasileiros. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HABERMAS, J. **Conhecimento e Interesse**. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W.; HABERMAS, J. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **O discurso filosófico da modernidade: doze lições**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HADDAD, P. R. Palestra sobre **Cultura local e associativismo**. Seminário sobre APLS, Brasília, 27/10/2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. 9ª ed. RJ: DP&A, 2004.

HESSEL, L. **Município de Imigrante – Registros e Memórias**. Porto Alegre: Edições EST, 1998.

IANNI, O. **A Era do Globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

JODELET, D. (Org.) **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: As Representações Sociais. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

KOSIC, K. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

LARANJEIRA, C. A. S. J. **Do Vulnerável Ser ao Resiliente Envelhecer: revisão da literatura**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2007. Vol.23. nº 3.

LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E. (Orgs.) **Estratégias para o desenvolvimento: um enfoque sobre Arranjos Produtivos Locais do Norte, Nordeste e Centro-Oeste Brasileiros**. Rio de Janeiro, 2006.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Trad.: Lucia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2001.

LEMIEUX, V. ; OUIMET, M. **Análise estrutural das redes sociais**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

LENZI, C. L. **Sociologia ambiental: risco e sustentabilidade na modernidade**. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. RJ: Tempo Brasileiro, 1996.

LIMA, R. C. P.; GONÇALVES, M. F. C. (Orgs.). **Sujeito, escola, representações**. Florianópolis: Insular, 2006.

MAGALHÃES, S. M. **Poder e Violência: Hannah Arendt e a Nova Esquerda**. Marília, SP: Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, 2008.

MAIA, G. F. et al. **Corpo, Velhice e Saúde: formas de viver e ser na velhice**. Florianópolis. Fazendo Gênero. Vol 8. 2008.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. BH/MG: Ed. UFMG, 2006.

MAZZOTTI, A. J. A. **Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicados à Educação.** Em Aberto, Bras. Ano 14, nº 61 jan/mar 1994.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA, C. E. A. **Antropologia, Saúde e Envelhecimento.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 8ª Ed., São Paulo: HUCITEC, 2004.

Ministério da Educação. **Cultura popular e educação.** Salto para o futuro. Brasília, 2008.

MORAES, R. **Análise de Conteúdo. Educação.** Porto Alegre, vol .V, ano XXII, p.7-32, março, 1999.

MOREIRA, R. J. (Org). **Identidades Sociais: ruralidades no Brasil Contemporâneo.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Cortez, 2001.

_____. **A Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** 16ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigação em psicologia social.** Petrópolis: Vozes, 2004.

NEVES, V. F. A. **Pesquisa-Ação e Etnografia: caminhos cruzados.** Pesquisas e Práticas Psicossociais, v.1, São João Del-Rei, junho, 2006.

PÉREZ, B. C. et al. **Cidadania e participação social: um estudo com crianças no Rio de Janeiro.** UFRJ: Psicologia & Sociedade, 2008.

PLASTINO, V. V. **Dança com Hora Marcada: uma etnografia da atração social em bailes de salão no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ROCKENBACK, S. A. **Imigração Alemã: 180 anos – História e Cultura.** Porto Alegre: CORAG, 2004.

SACHS, I. **Sociedade, Cultura e Meio Ambiente.** In: Mundo & Vida. V. 2. 2000.

SANTOS, M. F. S. **Representação social e identidade.** In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs). Estudos Interdisciplinares de Representação Social. Goiânia: AB, 2000.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências.** Edições Afrontamento, 1987.

_____. **Globalização: fatalidade ou utopia?,** Porto: Afrontamento: 2001.

_____. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós modernidade.** 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **A globalização e as ciências sociais.** São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **O Fórum Social Mundial: manual de uso.** SP: Cortez Editora: 2005.

_____. **Renovar a teoria crítica ou reinventar a emancipação social.** São Paulo: Boitempo, 2007.

SEM, A. **O desenvolvimento como liberdade.** SP: Companhia das Letras, 2000.

SENNETT, R. **O Artífice.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, R. M. C. (Org). **Cultura Popular e Educação.** Brasília: Salto para o Futuro, 2008.

SHULTZ, G. **Relações com o mercado e (re)construção das identidades socioprofissionais na agricultura orgânica.** Porto Alegre, 2006.

SILVEIRA, A. C. M. et al. **Representação e Identidade: três estudos em comunicação.** Santa Maria: FACOS-FIPE-UFSM, 2001.

SOFFIATI, A. **Fundamentos filosóficos e históricos para o exercício da ecocidadania e ecoeducação.** In: LOUREIRO, C. F. B. et al. **Educação ambiental repensando o espaço da cidadania.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TOCHTROP, L. **Dicionário Alemão-Português,** São Paulo: Globo, 1989.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral.** RJ; Paz e Terra. 1998.

TRISTÃO, M. **Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo e o coletivo, o pensado e o vivido.** Educação e Pesquisa, São Paulo, 2005. v. 31, n.2.

VALE, G. M. V. **Territórios vitoriosos: o papel das redes organizacionais.** Rio de Janeiro: Garamound Ltda., 2007.

VEIGA, J. E. **Destinos da ruralidade no processo de globalização.** Revista Estudos Avançados 18, 2004.

VILLASANTE, T. R.; GARRIDO, F. G. **Reflexividades sócio-praxicas: esquemas metodológicos participativos.** In: Metodologías Y Presupuestos Participativos. Iepala Editorial. Cimas, 2002.

VILLASANTE, T. R. **Redes e Alternativas – Estratégias e estilos criativos na complexidade social.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

ANEXOS

- ANEXO A – Modelo do documento de Termo de Livre Consentimento e Esclarecimento 89
- ANEXO B – Reunião da coordenação geral com as líderes dos diversos clubes de mães de Imigrante – momento de construção coletiva da pauta 90
- ANEXO C – Registro de um momento de reunião, simbólico pelo ritual de religiosidade – situação cotidiana nos encontros 90
- ANEXO D – Construções feitas com palha de milho – sinal do aproveitamento criativo de materiais comumente não aproveitados 91
- ANEXO E – Trabalhos artesanalmente construídos a partir de tecidos, linhas e agulhas expostos ao público, nos chás dos clubes de mães e em outros eventos municipais 91
- ANEXO F – Evento Municipal da Semana da Alimentação – mulheres orgulhosas de suas produções culinárias (aprendizados a partir da vida no grupo), explicam ao público os nutrientes e o modo de fazer das delícias gastronômicas .. 92
- ANEXO G – Degustação das práticas gastronômicas dos diversos clubes de mães faz parte das programações locais, forma de valorização e divulgação entre os grupos das produções das mulheres 92

ANEXO A – Modelo do documento de Termo de Livre Consentimento e Esclarecimento

Termo de Livre Consentimento e Esclarecimento

A presente pesquisa vincula-se à Linha de Pesquisa, Espaço, Ambiente e Sociedade do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário UNIVATES e tem como objetivo o estudo acerca da Identidade individual e do grupo, do Clube de Mães *Blumenstraus*s.

Para este estudo serão realizadas visitas e participação em reuniões, com o objetivo de observar e acompanhar a convivência do grupo, bem como a realização de entrevistas abertas para conhecimento das percepções e opiniões individuais.

Os dados levantados serão utilizados na compreensão das razões que motivam a participação do Clube de Mães. Nesse sentido, desejo sua autorização para gravar a entrevista, evitando perda de informações durante o diálogo no qual você é participante.

Considerando que esta é uma pesquisa científica, seu nome e as informações concedidas serão tratados de forma ética e sigilosa, como requisito para a dissertação de mestrado em Ambiente e Desenvolvimento.

Imigrante, ____ / _____ de 2009.

De acordo com o Termo, manifesto minha concordância.

Integrante do Clube de Mães "*Blumenstraus*s"

Edí Fassini – Pesquisadora
Fone: (51) 3754-2107

ANEXO B – Reunião da coordenação geral com as líderes dos diversos clubes de mães de Imigrante – momento de construção coletiva da pauta



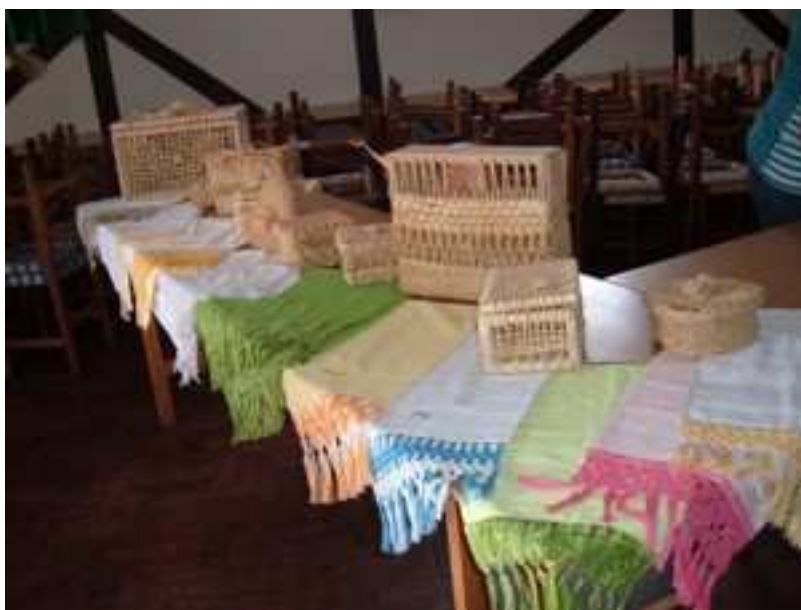
Fonte: Fassini, Edí – jan./2010

ANEXO C – Registro de um momento de reunião, simbólico pelo ritual de religiosidade – situação cotidiana nos encontros



Fonte: Fassini, Edí – jan./2010

ANEXO D – Construções feitas com palha de milho – sinal do aproveitamento criativo de materiais comumente não aproveitados



Fonte: Fassini, Edí – out./2009

ANEXO E – Trabalhos artesanalmente construídos a partir de tecidos, linhas e agulhas expostos ao público, nos chás dos clubes de mães e em outros eventos municipais



Fonte: Fassini, Edí – out./2009

ANEXO F – Evento Municipal da Semana da Alimentação – mulheres orgulhosas de suas produções culinárias (aprendizados a partir da vida no grupo), explicam ao público os nutrientes e o modo de fazer das delícias gastronômicas



Fonte: Fassini, Edí – out./2009

ANEXO G – Degustação das práticas gastronômicas dos diversos clubes de mães faz parte das programações locais, forma de valorização e divulgação entre os grupos das produções das mulheres



Fonte: Fassini, Edí – out./2009

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)